



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS

**A PRODUÇÃO DO ESPAÇO NA REGIÃO DO BAIRRO
DOS BANCÁRIOS, JOÃO PESSOA-PB**

MATHEUS HENRIQUE DE SOUZA GENUINO OLIVEIRA

João Pessoa

2018

MATHEUS HENRIQUE DE SOUZA GENUINO OLIVEIRA

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO NA REGIÃO DO BAIRRO DOS BANCÁRIOS, JOÃO
PESSOA-PB

Monografia apresentada à coordenação do curso de bacharelado em Geografia da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof^o. Dr^o. : Rafael Padua.

JOÃO PESSOA

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

048p Oliveira, Matheus Henrique de Souza Genuino.
A Produção do Espaço na Região do Bairro dos Bancários,
João Pessoa-PB / Matheus Henrique de Souza Genuino
Oliveira. - João Pessoa, 2018.
81 f. : il.

Orientação: Rafael Falcões de Padua.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCEN.

1. Urbanização; Produção do Espaço; Bancários. 2.
Cotidiano. I. Padua, Rafael Falcões de. II. Título.

UFPB/CCEN



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GEOGRAFIA

Resolução N.04/2016/CCG/CCEN/UFPB

PARECER DO TCC

Tendo em vista que aluno (a)

Mathews Henrique de Souza Genuíno Oliveira

(X) cumpriu () não cumpriu os itens de avaliação do TCC previstos no artigo 25º da Resolução N. 04/2016/CCG/CCEN/UFPB somos de parecer (X) favorável () desfavorável à aprovação do TCC intitulado:

A Produção do Espaço na Região do Bairro dos Damascos, João Pessoa - PB

Nota final obtida: 9,0

João Pessoa, 4 de junho de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

Professor Orientador

Professor Co- Orientador (Caso exista)

Membro Interno Obrigatório (Professor vinculado ao Curso)

Membro Interno ou Externo

Aos que são meus e que me cercam, de perto ou de longe, vos dedico. Em especial, aos meus pais, o melhor de mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente ao Bom Deus, que como um tapeceiro teceu minha vida e a de todos que me cercam para que chegássemos até aqui, com vida e plena paz!

Agradeço infinitamente aos meus pais, Sandro e Franci, vocês são tudo o que sou, são a minha vida muito obrigado por cada instante, cada detalhe, cada incentivo, valeu muito à pena, e é só começo! Eu amo vocês, sem vocês comigo não chegaria aqui!

Agradeço muito, muito, muito mesmo à toda minha família, tanto a família Genuíno, quanto a família Souza/Oliveira, meus tios e tias, primos e primas. Minha Base! ‘Rodo o mundo, mas volto pra vocês’!

Em especial, agradeço muito a minha avó, Dona Edinalda Genuino, grande leitora, conhece do mundo inteiro e de voleibol, mais ainda! Eu te amo vó! E, agradeço muito aos meus tios Luis Augusto e M^a Josicleide (Tio Lula e Tia Josy), meus pais também, muito obrigado por tudo, por cuidarem de mim, sempre acreditem em mim! Eu, simplesmente amo muito vocês!

Agradeço imensamente a minha namorada e a toda sua família. Janyelle Santos (Janoca), minha companheira, minha menina linda! Durante o tempo em que estamos juntos, sempre arrancou o melhor de mim, me incentivou e me ajudou muito durante a minha trajetória. Meu Amor, muito obrigado, muito obrigado mesmo, por tudo, por estar comigo em cada detalhe! Eu Te Amo! Te amo Demais!

Ao meu orientador, Professor Rafael Padua, por ter aceito me orientar. Muito obrigado professor, pela paciência, pela parcimônia, pelo respeito mútuo, pelas figurinhas trocadas, pelas novas capitais do mundo descobertas, haha, enfim, por esse caminho de conhecimento no qual o senhor nos norteou. Estendo esse agradecimento aos que compõem nosso grupo de estudos.

Às professoras que serão membros de minha banca, Professora Doralice Maia, por ter aceitado o convite prontamente e por ser uma referência nos estudos urbanos na Paraíba. Professora Regina Celly, muito obrigado por também ter aceitado o convite e também ter me ajudado nas leituras do estudo de bairro. Por, especialmente compartilharem esse momento tão especial comigo, a minha gratidão à vocês.

Ao professor Marcelo Moura, por ter aberto as portas do seu laboratório e de seu grupo de estudos à mim. Por acreditar em mim, o meu muito obrigado! Agradeço também a todos os meus professores durante a graduação.

A toda Família MEPB Valentina II, nas pessoas dos Pastores Normando Monteiro e Quêdma Monteiro por todos os ensinamentos a mim passados. Por sempre orarem por mim e acreditarem em mim.

Em especial, a todos que compõem o Departamento de Jovens, na competente liderança de Rayssa Gabriela e Millena Genuino. Destaco os nomes de Alex Monteiro, André Monteiro, Sara Monteiro, João Victor, Gabriel Augusto, Gisele Brenda, Áurea Beatriz (Aurinha), Rita de Cássia (Dora) e Lucas Fernandes, muito obrigado por todo o companheirismo, pelas experiências juntos, dentro e fora da igreja, eu amo muito vocês!

Agradeço muito, aos meus colegas de turma, turma 2014.1 da Geografia-UEPB. Por me aturarem e estarem junto comigo em tudo! A turma era grande, ficou pequena, mas vocês estiveram sempre comigo, muito obrigado Stéphanie Lima; Harisson Benício; Sandro Silva; Paulo Sérgio; Matheus Araújo; Analice Alves; Thiago Farias; Juliana Candido Wendell Araújo; Diego Dantas; Laíse Silva; Joannes Moura, Jadiele Berto e Helder Oliveira muito obrigado por tudo, gente, aprendi a 'fazer' Geografia com vocês! Amo vocês!

Agradeço muitíssimo ao meu primo/irmão Vinícius Genuino! Não sei como teria sido esse curso sem você, gordo! Muito obrigado, muito obrigado por tudo mesmo! Aprendo demais contigo, te admiro muito, a resiliência em pessoa! Eu te amo, o paraibano mais paulista do Brasil!

Aos amigos que a Geografia e que o PIBID me deu, meu amigo Charles Marques, além dos já citados Harisson, Vinícius; Sandro e Rosiene Delmiro. Além do grande Professor José Nóbrega Diniz, o mestre! Muito obrigado à vocês todos, por tudo, pelas viagens, pelas tardes no Olivina, aprendi demais com todos vocês!

Aos meus amigos Analice Alves, Thiago Farias e Maressa Lopes e ao professor Francisco Segundo Neto, no auxílio tecnológico (geoprocessamento/estatística), pelos mapas, pelos gráficos e por todas as contribuições de vocês, o meu muito obrigado.

Aos meus amigos da vida (infância, escola e da natação), minha imensa gratidão, mesmo distantes, estamos juntos, Arthur Henrique; Luis Carlos Jr, Isadora Túlia, Pedro Lira, José Pedro, Gabriel Oliveira, Larissa Villar e Luana Menezes um abraço, eu amo muito vocês!

À Família Benevides, aos meus irmãos Pedro e Thiago, e, aos meus tios Antonieta e Marcos Antônio, muito obrigado por tudo o que vocês fizeram por mim, sou eternamente grato a vocês. Eu os amo muito!

Ao 3ºB (2013) do Colégio GEO Sul, principalmente ao meu clã: Hugo Brizeno, Iasmin Castro, Matheus Santos, Mateus Luan, Marina Freire, Edilberto Fernandes, Ademim Rodrigues, Danyllo Medeiros, Elisa Pereira, Thiago Gama e Vinicius Cavalcante, especialmente, dedico esse agradecimento aos meus, Larianne Moisés, Flávio Henrique e Pedro Benevides, muito obrigado, eu amo muito vocês!

Muito obrigado à todos!

*“A forma de uma cidade muda
mais depressa do que o coração de
um mortal”.*

Baudelaire

RESUMO

Este trabalho em linhas gerais buscou entender como acontece o dinâmico processo de produção do espaço na região do Bairro dos Bancários, localizado na Zona Sul da cidade de João Pessoa-PB. Nas últimas décadas, mais especificamente nos últimos 30 anos, a capital paraibana, vêm passando por profundas transformações no seu espaço urbano. Mudanças que, principalmente impulsionadas por incentivos estatais, desencadeiam um aumento populacional, um espraiamento do tecido urbano e de maneira geral transforma o espaço da cidade. A parte do município que abarcou boa parte dessas alterações foi o eixo de expansão sul-sudoeste, atualmente, as Zonas Sul e Oeste da cidade. O espaço é um produto de relações sociais e a produção desse espaço é um processo contínuo, uma vez que se produz, mas também se reproduz através de uma lógica capitalista. Coube-nos, portanto, inferir as configurações que tornaram essa região, especialmente na última década, em um importante elo da zona mais adensada da capital paraibana. Além disso, observar através das estratégias impostas no espaço, a transformação qualitativa do bairro e pensar o espaço socialmente produzido. Chamamos por região dos Bancários, a região de influência/polarização do bairro compreendendo os bairros de Anatólia, Jardim Cidade Universitária, Jardim São Paulo e Bancários. Esse recorte foi feito para compreendermos melhor as transformações espaciais ocorridas nos últimos anos nesta localidade, englobando os quatro bairros, popularmente conhecido apenas por Bancários. Configurando-se, como uma centralidade, vivendo uma intensa valorização do uso do solo e uma forte especulação imobiliária. Os caminhos metodológicos seguidos tiveram no seu interim, inicialmente algumas reflexões e revisões bibliográficas. Em um segundo momento, a realização de alguns trabalhos de campo, e, nas idas a campo foi realizado levantamentos de alguns dados primários. Além do uso de técnicas de geoprocessamento para mapearmos alguns objetos específicos. Por fim, destacamos a inserção notória dessa região dentro da lógica capitalista e uma mescla de desconforto e contentamento por parte da população em como o espaço é produzido nessa região. Tivemos, então, como objetivo principal compreender como o espaço neste local foi sendo produzido através do trabalho humano para desenvolvimento de atividades e satisfações de necessidades dos agentes hegemônicos da produção do espaço.

Palavras-chave: Urbanização; Cotidiano; Produção do Espaço; Bancários

ABSTRACT

This work in broad lines sought to understand how it happens the dynamics of production of space in the region of the banking district, located in the Southern Zone of the city of João Pessoa-PB. In recent decades, more specifically in the past 30 years, the capital city of Paraíba, are undergoing profound transformations in its urban space. The part of the municipality that covered most of these changes was the south-southwest expansion axis, currently the South and West Zones of the city. Space is a product of social relations and the production of this space is a continuous process, once it is produced, but also reproduces through a capitalist logic. We have therefore been able to infer the configurations that have made this region, especially in the last decade, an important link in the most densely populated area of the capital of Paraíba. In addition, observe through the strategies imposed in space, the qualitative transformation of the neighborhood and think of the socially produced space. We call by region of Banking, the region of influence / polarization of the neighborhood comprising the neighborhoods of Anatolia, Garden City University, Garden São Paulo and Banking. This cut was made to better understand the spatial transformations that occurred in recent years in this locality, encompassing the four neighborhoods, popularly known only as Banking. Configuring itself, as a centrality, experiencing an intense appreciation of land use and strong real estate speculation. The methodological paths followed had in their interim, initially some reflections and bibliographical revisions. In a second moment, the accomplishment of some field work, and, in the field trips, surveys of some primary data were carried out. Besides the use of geoprocessing techniques to map some specific objects. Finally, we highlight the notorious insertion of this region within the capitalist logic and a mixture of discomfort and contentment on the part of the population in how space is produced in this region. We had, therefore, as main objective to understand how the space in this place was being produced through the human work for development of activities and satisfactions of the hegemonic agents of the production of the space.

Keywords: Urbanization; Daily; Production of Space; Banking District (Bancários)

LISTA DE FOTOGRAFIAS

| | |
|---|----|
| Foto 1 - Fotografia Aérea de Parte dos Bancários e Parte do que atualmente corresponde ao Jardim São Paulo em Novembro de 1989. | 40 |
| Foto 2 - Fotografia Aérea de Parte dos Bancários e Parte do Jardim Cidade Universitária em Março de 1998..... | 40 |
| Foto 3 - Inauguração da Panificadora Pernambucana, meados de 1982. | 45 |
| Foto 4 - Panificadora Pernambucana e outros comércios em 2018..... | 46 |
| Foto 5 - Fotografia Aérea do Bairro dos Bancários e Parte do Jardim São Paulo em 2008..... | 52 |
| Foto 6 - Vista Panorâmica de uma área residencial no Jardim Cidade Universitária. | 53 |
| Foto 7 - Avenida Sérgio Guerra vista do <i>Shopping</i> Sul, ao fundo uma agência da Caixa Econômica Federal e uma unidade do restaurante <i>Habib's</i> | 59 |
| Foto 8 - Praça da Paz vista do <i>Shopping</i> Sul, ao fundo, edifícios residenciais. | 62 |
| Foto 9 - Supermercado Extra mesmo sendo no Jardim Cidade Universitária se diz estar na 'principal' dos Bancários. | 64 |
| Foto 10 - Congestionamento de veículos na avenida 'principal' dos Bancários..... | 69 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| Gráfico 1 - Domicílios por Bairro que Compõem a Região dos Bancários | 70 |
| Gráfico 2 - Comparação Populacional entre a Região dos Bancários e de João Pessoa-PB | 72 |
| Gráfico 3 - Tipologia dos Comércios e Serviços Disponibilizados na Região dos Bancários | 73 |

LISTA DE MAPAS

| | |
|--|----|
| Mapa 1 - Mapa de Localização da Área de Estudo: “Região dos Bancários” | 19 |
| Mapa 2 - Modelo Tridimensional da Região dos Bancários | 49 |
| Mapa 3 - Mapa de Uso e Ocupação do Solo da Região dos Bancários | 63 |
| Mapa 4 - Mapa de Localização da Avenida ‘Principal’ dos Bancários..... | 67 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 – Lista dos Conjuntos Habitacionais criados nas atuais Zonas Sul e Oeste de João Pessoa-PB..... | 38 |
| Quadro 2 – Lista dos Principais Serviços Ofertados na ‘Principal’ dos Bancários..... | 60 |
| Quadro 3 - Linhas de Ônibus que Trafegam pela Região dos Bancários..... | 68 |
| Quadro 4 – Comparação Populacional com Base nos Últimos Censos Demográficos Feitos pelo IBGE | 71 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNH – Banco Nacional de Habitação

CCEN – Centro de Ciências Exatas e da Natureza

CEF – Caixa Econômica Federal

CEHAP – Companhia de Habitação Popular da Paraíba

IPEP – Instituto de Previdência do Estado da Paraíba

INCOOP - Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

GeUrb – Grupo de Estudos Urbanos da Universidade Federal da Paraíba

LEU – Laboratório de Estudos Urbanos

PIBIC – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica

PMJP – Prefeitura Municipal de João Pessoa

PSH - Programa de Subsídio a Habitação de Interesse Social

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

Unipê – Centro Universitário de João Pessoa

SEPLAN – Secretaria de Planejamento Municipal de João Pessoa (Setor de Geoprocessamento)

SEINFRA – Secretaria de Infraestrutura Municipal de João Pessoa

SESI – Serviço Social da Indústria

SFH – Sistema de Financiamento da Habitação

SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 17 |
| 1.1 NOTAS METODOLÓGICAS | 22 |
| 1.2. APORTE TEÓRICO | 24 |
| 1.2.1. Uma breve discussão sobre a noção de espaço | 27 |
| 1.3. APONTAMENTOS TEXTUAIS | 33 |
| 2. A HISTÓRIA DO ESPAÇO NA REGIÃO DO BAIRRO DOS BANCÁRIOS - HISTÓRIA DO ESPAÇO | 34 |
| 2.1. BREVES NOÇÕES REFERENTES AO LUGAR E AO BAIRRO. | 41 |
| 3. O BAIRRO DOS BANCÁRIOS E SUA REGIÃO NO CONTEXTO DA URBANIZAÇÃO DE JOÃO PESSOA. | 48 |
| 3.1. LOCALIZAÇÃO PRIVILEGIADA | 53 |
| 3.1.1. Um nicho de segregação socioespacial: A comunidade do Timbó | 55 |
| 3.2. SERVIÇOS E ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS | 58 |
| 3.2.1. Uso da terminologia ‘Principal’ | 65 |
| 3.3. IMPORTANTE CORREDOR VIÁRIO | 66 |
| 4. ALGUNS RESULTADOS E DISCUSSÕES | 70 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 75 |
| 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 78 |

1. INTRODUÇÃO

Em outros tempos a Geografia já foi considerada a ciência dos lugares. Esse pensamento acaba por desconsiderar as relações sociais que dia após dia produzem estes lugares. Nossa preocupação nesse texto é justamente esta, considerar como fundamental para a compreensão do objeto de estudo, observar minuciosamente as relações sociais de produção que compõem a formação da região do bairro dos Bancários. Fato é que, cada ciência possui um objeto específico, a Geografia, por sua vez, tem por objeto, o espaço geográfico. Embora ainda existam discussões sobre qual é de fato o objeto de estudo da Geografia, não iremos nos dedicar durante o texto e a pesquisa no sentido mais amplo a estes embates.

Consideraremos aqui, o espaço como sendo esse objeto, objetivamos, portanto, interpretar a produção desse espaço, as transformações, àqueles agentes que verdadeiramente intervêm e intervém nesse espaço na região citada. “(...) Nossa preocupação é com o espaço geográfico que podemos considerar no seu sentido mais geral, como o espaço da atividade humana...” (SMITH, N. 1988, *apud* RODRIGUES, 1998, pp 8-9). Além disso, apresentamos duas premissas básicas da ciência geográfica, as de: interpretar o espaço, este, em constante metamorfose e de compreender a espacialidade do fenômeno. O caso aqui estudado é o de entender como se deu o dinâmico processo de produção do espaço na região do bairro dos Bancários.

A pesquisa em curso se propõe, isto é, tem por objetivo geral a compreensão do modo em que se deu o processo de produção (construção) do espaço na região do bairro dos Bancários na Zona¹ Sul de João Pessoa-PB. Além disso, observar concretamente a maneira na qual se configura em uma centralidade, quais elementos explicam essa centralidade e como exerce tal função no espaço.

Na realidade nos dispusemos a atentar mais firmemente sobre o que mais nos chama atenção, nos salta o olhar ao passarmos pela região dos Bancários. São estes: a variedade dos comércios e serviços oferecidos, o movimento intenso de carros, pessoas

¹ O Art. 7º. do Plano Diretor de João Pessoa-PB (2009), define as Zonas como:
I - Zonas: divisão da área urbana em grandes porções para fins de ordenamento do uso do solo e desenvolvimento territorial.;

e dos transportes públicos e o porquê desse lugar ser tão procurado e atualmente tão valorizado no aspecto imobiliário.

Os objetivos específicos a serem verificados na pesquisa são:

- Verificar qual o papel dos agentes hegemônicos (Estado, Grupos Empresariais, Grupos Industriais) no processo de produção do espaço nos Bancários;
- Analisar os elementos que estão envolvidos nas relações socioespaciais e a complexidade dos processos sociais (re)produzidos no espaço;
- Identificar de maneira efetiva como se dá o uso do solo no bairro referido, destacando os comércios e serviços disponibilizados no bairro;
- Observar como são produzidas e como se refletem as contradições do espaço nesta localidade.

Iremos considerar como integrantes dessa região de influência/polarização do bairro dos Bancários, os bairros do Jardim São Paulo, Jardim Cidade Universitária e o conjunto Anatólia (Mapa 01). Essa regionalização se dá pela proximidade dessas três localidades com o bairro dos Bancários e por serem econômica e socialmente semelhantes no que se referem à vida cotidiana concreta. As relações sociais se dão de maneira similar nesses bairros, por isso os consideramos como componentes dessa região. Uma vez que, embora existam divisões físicas e institucionais, a influência do bairro dos Bancários, especialmente acaba por extrapolar tais limites.

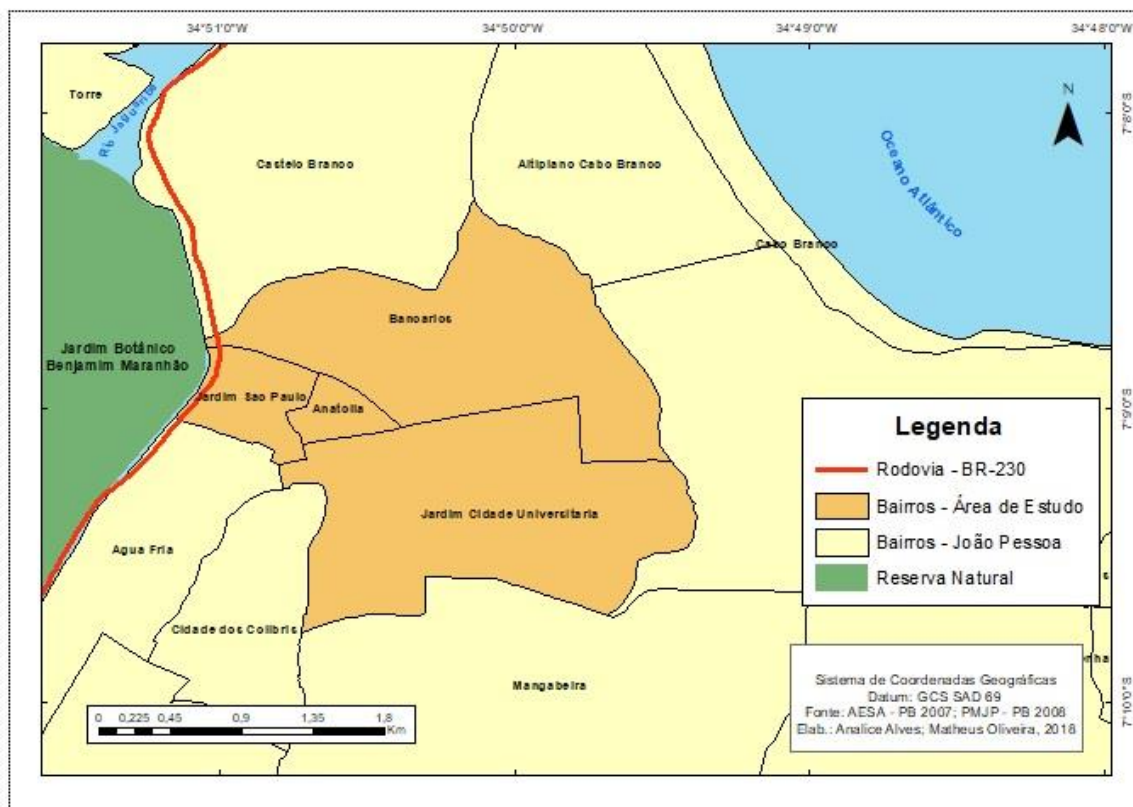
As reflexões para a constituição deste trabalho surgem a partir da inferência da importância deste bairro no ritmo da cidade e da nossa proximidade com o lugar. Uma vez que, embora não morássemos ali, vivemos durante muito tempo na região e a partir desta vivência nos propomos a observar de maneira mais minuciosa a transformação morfológica da região, observando, o seu conteúdo, o sentido desse lugar no contexto da cidade. Esse contato próximo com o objeto de estudo nos fez estar em constante observação das mais diversas modificações, estando quase que diariamente em campo e conseguindo apreender e observar novos detalhes a cada visita.

A cidade de João Pessoa-PB vem passando por profundas modificações no seu espaço nos últimos 30 anos. As significativas mudanças são percebidas, a partir da

expansão do tecido urbano, especialmente na Zona Sul, região mais adensada da cidade, visto que mais de $\frac{1}{4}$ da população atual do município reside nesta área. Além disso, essas alterações são notadas ao observarmos os novos usos dados a determinados espaços atendendo aos interesses do capital. Consideremos ainda que neste período de tempo, impulsionado por incentivos estatais, nas três instâncias (federal, estadual e municipal), a cidade sob uma lógica mercadológica se coloca nesse processo de urbanização e modernização.

Nesse sentido, a compreensão do processo de produção do espaço na região de “influência” do Bairro dos Bancários, especialmente nas últimas décadas se configura como sendo de grande relevância (Mapa 01). Esse fato se dá uma vez que no bairro e em sua região como um todo está instalado um grande número de comércios e serviços de pequeno, médio e grande porte que atendem a demanda da população da região polarizada e de boa parte da Zona Sul da cidade.

Mapa 1 - Mapa de Localização da Área de Estudo: “Região dos Bancários”



Elab.: Analice Alves; Matheus Oliveira (2018). Fonte: AESA (2007); PMJP (2008)

Aqui colocaremos também um movimento de superação da organização do espaço, movimento em que são estabelecidas as localizações dos elementos no espaço, incluindo o homem, este como agente passivo no espaço. Apontaremos aqui a noção de produção do espaço, dessa produção contínua, o homem (social), como agente ativo, produzindo o espaço através de relações sociais historicamente determinadas.

Para Carlos, (1992, p. 25) “hoje a cidade é a expressão mais contundente do processo de produção da humanidade sob a égide das relações desencadeadas pela formação econômica e social capitalista”. Corroborando com esse pensamento a própria autora coloca que “a cidade é antes de mais nada uma concentração de pessoas exercendo, em função da divisão social do trabalho, uma série de atividades concorrentes ou complementares, o que enreda uma disputa de usos” (CARLOS, 1987, p. 51).

Compreendemos que a produção do espaço é um processo social dinâmico, que, em sua construção envolve constantes mudanças ao longo do tempo, ou seja, existem modificações. E, há durante essas mudanças o surgimento de novas centralidades, é, portanto o resultado do processo histórico de produção da sociedade, da reprodução social. Destacamos ainda o que escreve Lefebvre (1991) *apud* Martins (2014) “a produção do espaço, não anula o passado, mas o utiliza como base para construções presentes e futuras”.

A efemeridade das ações e relações sociais e espaciais, os mais diversos usos do solo em um espaço social cada vez mais regido por intervenções do capital, trazendo consigo as ‘mãos’ dos agentes hegemônicos produtores do espaço (Estado, empresas, etc) e suas coalizões, nos conduzem a pensar as transformações do espaço. Aqui, em específico, a região de polarização do Bairro dos Bancários.

É necessário antes entender que a produção do espaço é fruto de um processo contínuo, produto de relações sociais, ou seja, há um autocriação constante dada a partir do trabalho da sociedade e é também indutor de novas relações sociais (sócioespaciais), fazendo com que sejam gestados novos modos de apropriação do espaço. As relações de produção de cada momento histórico determinam a configuração do processo de produção do espaço, produzindo os lugares, envolvendo em si constantes mudanças ao longo do tempo.

É de suma importância entender que o espaço é produto da história social, isto é, a produção deste espaço é dada através da produção da vida humana, no próprio movimento de constituição da sociedade. Portanto, este, se forma de acordo com as relações sócio-espaciais e permanece em contínua transformação, mas, se configurando como o lugar de realização da vida. Cabe ainda a ressalva de que o espaço urbano pode ser compreendido como sendo produto de várias formas, que se agregam ao longo do tempo no espaço. Fruto do trabalho humano associado às condições naturais do local e que, de acordo com o modo de produção dominante, desenvolvem-se.

A problemática a ser estudada gira em torno de compreender a forma na qual o espaço nos Bancários foi sendo produzido através do trabalho humano para desenvolvimento de atividades e satisfações de necessidades dos agentes hegemônicos da produção do espaço, ou seja, a partir de suas movimentações e interesses possuem a capacidade de protagonizar ações no espaço.

Esses agentes são: o Estado, nas suas três instâncias, Federal, Estadual e Municipal, como provedor de bens de consumo coletivo e da infraestrutura geral ofertada à população, organizando o espaço e suas relações de produção. Os grupos empresariais, os bancos, os grupos industriais e os empreendedores imobiliários. Temos, então, o objetivo de observar através das estratégias impostas no espaço (pelo valor de troca) a transformação qualitativa do bairro e pensar o espaço produzido a partir da ação humana.

Nessa perspectiva, destacamos os movimentos sociais urbanos e os grupos sociais organizados (ONG's e Associações de Moradores) que, por sua vez, não estão dentro dos agentes hegemônicos, eles, em contraponto aos agentes evidenciam as contradições produzidas pelo avanço das estratégias do econômico no espaço. São grupos sociais que podem se aliar ou se contrapor às estratégias hegemônicas dos grupos empresariais e industriais.

O espaço, essencialmente humano, é produzido continuamente e pode ser utilizado estrategicamente, ou seja, como objeto de diferentes grupos (agentes) sociais; como mercadoria, a partir da propriedade privada da terra, definida por intermédio de determinações jurídicas e regulado por normas estatais. Os diferentes usos do solo no espaço, cada vez mais mediados pela mercadoria também se efetivam no bairro e nos impulsionam a interpretar o cotidiano para entender a realidade. Dadas essas

circunstâncias, é que surge a importância de estudos desta natureza, embasado, inicialmente em análises da bibliografia citada abaixo e de trabalhos de campo.

Entretanto, mesmo que existam os mais diferentes interesses e que esses sejam colocados forçadamente sobre o espaço, este não pode ser reduzido apenas a ser considerado como uma mercadoria ou um objeto de controle estatal. Mas o espaço deve ser considerado principalmente como o lugar de realização da vida concreta, o que por si só ultrapassa a lógica da mercadoria e da normatização estatal.

1.1. NOTAS METODOLÓGICAS

No que se refere aos procedimentos metodológicos que norteiam esta pesquisa e que guiam de modo geral o processo de construção deste trabalho foi realizada uma pesquisa qualitativa, preocupando-nos com o processo pelo qual as pessoas daquela região estão/estavam vivendo. Partimos, portanto, da materialidade do processo, buscando o conteúdo das relações sociais concretas realizadas, o ritmo, o movimento da vida (vividos) nesse lugar, daquilo que nos é oculto através do concreto e do formal a nós colocado.

Para tanto foram realizadas inicialmente: análises e revisões da bibliografia referenciada, realizadas especialmente nas bibliotecas Central e Setorial do Centro de Ciências Exatas e da Natureza da Universidade Federal da Paraíba (CCEN-UFPB), bem como nos bancos de teses e dissertações disponibilizados na internet. Tendo como alvo no desenvolvimento dos estudos, palavras-chave que fossem concernentes ao objeto de estudo citado, categorias como: espaço urbano; produção do espaço; cotidiano; urbanização, etc.

Entendemos também como fundamentais também momentos de participação em alguns grupos de estudos (GeUrb-UFPB) vinculados ao Laboratório de Estudos Urbanos (LEU) da Universidade Federal da Paraíba. Além da pesquisa documental realizada no próprio Laboratório (LEU), na consulta ao seu acervo físico e virtual, que nos auxiliaram de forma eficaz, além de contribuir na nossa pesquisa de iniciação científica (PIBIC) no estudo da urbanização contemporânea de João Pessoa.

Foram feitas ainda visitas ao Centro Administrativo da Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP), mais objetivamente na Secretaria de Planejamento Urbano (SEPLAN-PMJP), no setor de geoprocessamento. Bem como na Companhia de Habitação da Paraíba (CEHAP).

Em um segundo momento, fizemos visitas à região dos Bancários com o objetivo de observar atentamente o objeto de estudo. Estivemos presentes também na realização de alguns trabalhos de campo e através deles observamos o movimento dos carros, dos ônibus, o fluxo das pessoas.

Esses trabalhos de campo foram realizados entre os meses de Fevereiro de 2018 e Abril de 2018, foram executados em sua maioria no período da manhã, mas também houveram alguns realizados no período da tarde, mas precisamente no final da tarde. Momentos nos quais havia uma intensa movimentação na área da Praça da Paz, ponto base em nossos trabalhos de campo e na avenida principal, como um todo.

Optamos por utilizar tal recurso metodológico (trabalho de campo) por entendermos que este é um recurso fundamental para os estudos sobre o espaço urbano. Entendemos também que caminhar pela cidade significa visualizar como as pessoas a utilizam, é possível então perceber a história de construção daquele espaço, através das edificações, do fluxo, do ritmo da rua.

Tentamos através dos momentos em campo fazer o levantamento de alguns dados primários, através de entrevistas aplicadas em campo, bem como o uso de alguns dados secundários, como informações obtidas na SEPLAN-PMJP, dados do último Censo do IBGE (2010), além da utilização do banco de dados do LEU-UFPB. Foram utilizadas ainda algumas fotografias aéreas mais antigas do bairro, tendo como meta observar mais claramente, a forma pela qual ao longo do tempo, esse espaço (da região) foi sendo produzido.

Essas atividades tiveram o objetivo de ter a visão da sociedade civil no que tange à transformação da vida cotidiana durante o tempo que eles estão na região, modificações no uso do espaço, através da coleta de depoimentos de alguns moradores, comerciantes e transeuntes da região. Como reflexão anterior e no momento das entrevistas colocamos como primordial a vivência no bairro, o quê eles consideraram para irem morar nos Bancários, o que o bairro (região) representa para eles. Como

acontece a vida cotidiana desses moradores, os deslocamentos para o trabalho como é utilizado o tempo livre se é nos Bancários e região ou não. Consideramos como fundamental o desenrolar desse processo para podermos conhecer de fato como se dá e como vem sendo produzido o espaço naquele lugar.

Quanto à sistemática utilizada em campo, optamos em conjunto com o orientador em utilizar-se de entrevistas abertas, semiestruturadas, momentos nos quais iniciávamos e seguíamos em um leve diálogo com o entrevistado. Com o objetivo de deixá-lo à vontade, resgatando e registrando a sua memória oral, ressignificando o imaginário das pessoas. Os questionamentos levavam em consideração como plano de fundo, de forma mais ampla, como se dava e como se dá a vida cotidiana no bairro e na região, a observação das relações sociais concretas vividas naquela localidade.

Durante as visitas ao campo utilizamos também como recurso metodológico o registro fotográfico, para termos real noção do objeto de estudo atual, para observarmos concretamente o cotidiano vivido. “A fotografia como instrumento de pesquisa científica tem sido utilizada com diversas finalidades que vão muito mais do que um simples registro” (SANTOS, 2015, p. 21)

Em um momento posterior fizemos uso de técnicas de análise espacial (geoprocessamento), com o objetivo interpretar o espaço e a sua morfologia, isto é, como são promovidos seus usos e seus fluxos. Utilizamos para isso, os *softwares ArcGIS*, versão 10.5 e o *QuantumGIS*, versão 2.16. Foram utilizados ainda alguns dados disponíveis no banco de dados do Laboratório de Estudos Urbanos da Universidade Federal da Paraíba. E por fim, tivemos a obtenção de dados para operacionalização de mapas, gráficos e tabelas por meio do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), utilizando a Base de Informações dos Censos Demográficos de 2000, 2007 e 2010.

1.2. APORTE TEÓRICO

As bases teóricas que fundamentam este trabalho convergem para pensar a produção do espaço criticamente, ou seja, pensar como de fato (concretamente) acontece a construção e mais especificamente como se produz o espaço. Observar atentamente quais os conteúdos envolvidos na produção do espaço e a partir daí abstrair

então a essência, àquilo que há de concreto dentro do que é por vezes apenas aparente na paisagem urbana.

Os estudos que embasam este trabalho de maneira principal são: Carlos (1987; 1989; 1992; 2007); Corrêa (1995); Lavieri & Lavieri (1999); Lefebvre (1999; 2002); Maia (2000); Padua (2007); Rodrigues (1988; 1996); Santos (1988); Seabra (1988; 1996; 2009); Silva (2000), entre outros nomes da geografia contemporânea.

Quanto à cidade e ao urbano, entendemos a cidade como sendo um objeto social materializado historicamente, ou seja, uma realidade material palpável. Já o urbano, entendemos como sendo o processo, as relações sociais envolvidas na construção da cidade, ou seja, é essencialmente qualitativo, está ligada à realização concreta das possibilidades do homem. Há ainda dentro dessas relações uma urbanização ‘desurbanizante’ e uma fragmentação do espaço, ambos produzidos pelo capitalismo, empobrecendo a vida urbana, tornando-a cada vez mais fragmentada, garantida (instaurada) pela divisão social do trabalho.

Àquilo que está por trás do que vemos oculto dentro do que a paisagem e nossos olhos nos permitem enxergar, o cerne do histórico processo de produção do espaço são desvendados através da observação e análise das relações sociais de produção, este envolvimento é fundamentalmente espacial, porém cotidianamente se modifica e se reestabelece. Entretanto, essas relações são contínuas bem como a produção e transformação do espaço e podem se perder e novas relações surgem, neste interim está contraditoriamente imbricado o processo de produção do espaço.

É ainda por meio da análise dessas relações que podemos compreender os diferentes usos da cidade. Dentro da desigual e contraditória lógica mercadológica (capitalista), observamos que quem tem condições de possuir a propriedade privada da terra, o faz e procura se estabelecer nos “melhores lugares”. Já quem não tem tais condições, segue na busca de ao menos ter acesso à propriedade privada da terra, à “casa própria”.

Além disso, dentro do desenvolvimento dessas relações comandadas pela movimentação do capital acontecem dois fatos relevantes. A generalização do modo de vida urbano e a partir disso uma naturalização de uma racionalidade econômica, a motivação das vinculações da sociedade, ao invés de ser social, passa a ser material. No

entanto, existem dentro da sociedade, os resíduos, as brechas, as contradições que se refletem no espaço.

Sobre a cidade aponta Seabra (1988):

“A cidade indubitavelmente é diferente do campo; é em si mesma uma força produtiva, portanto um lugar, mas é também mais do que um lugar na medida em que suporta as relações dos homens entre si e que se define por essas relações. E é nessa medida que pode vir a ser sujeito (*objeto*) de nossa explicação, como produto da ação da sociedade no espaço. Enfocando o urbano, seu conteúdo e as determinações históricas e sociais produtos do trabalho humano que o formam” (p. 97, grifo nosso).

Henri Lefebvre, embora fosse filósofo e sociólogo, tendo como base uma visão marxista do mundo e do espaço a partir dos seus estudos contribuiu para a Geografia. Lefebvre exerce uma influência muito grande na geografia urbana hoje, mas essa noção de espaço produzido pela ação humana a própria Geografia já vinha trabalhando também na noção de espaço geográfico. Ele se propôs a pensar a noção de produção do espaço, a partir das primeiras reflexões da Geografia Crítica, o que representou um avanço no conhecimento sobre as questões espaciais ao colocar que o espaço é social, ou seja, é socialmente produzido.

A tríade teórica de pensamento sobre o espaço, isto é, entender como o espaço é vivido, isto é, o conteúdo, a essência de determinado espaço ou de sua produção. Como o espaço é percebido, com base em apropriação de concepções para pensar a realidade e de como o espaço é concebido (plano do Estado, do planejamento), com aquilo é dado, sua forma objetiva, algo frio, que sobrepõe-se ao plano do vivido.

O espaço é então a morfologia social, é o produto dos mais diversos usos e apropriações dele. No entanto, como nos diz Seabra (1996) “o conflito pelo uso do espaço estaria a revelar a essência do processo social: a propriedade lutando contra a apropriação concreta de um tempo e de um espaço”. O espaço é, portanto, a materialização de relações sociais concretas, historicamente produzidas, que são necessariamente espaciais, que produzem o espaço. O movimento do pensamento deve, então, acompanhar o movimento da realidade, buscamos, portanto os nexos que conectam no tempo e no espaço as relações sociais.

Estas atribuições possibilitaram a aparição de novos estudos, de novas perspectivas sobre o espaço, além das contribuições sobre no tocante aos estudos sobre o cotidiano, que representa a programação da vida cotidiana. O cotidiano está dentro do plano do vivido, Seabra (2009) admite o cotidiano como o uso do tempo e do espaço sob determinação do movimento da forma (social) com impasses, oposições, contradições e conflitos (sociais).

Lefebvre (1999) ainda aponta dois grandes eixos a serem levados em consideração no que tange aos estudos do espaço urbano, que são a criação de um modo de vida urbano, impulsionado pela industrialização que induz a uma urbanização, isto é, uma mudança qualitativa. Neste sentido, a concepção do cotidiano, do espaço vivido, está naturalmente vinculado à prática social e refletido em boa parte no urbano, urbano este, visto como a forma, ou seja, como aquilo que representa e nele é representado, a simultaneidade, o local da festa, do encontro, da reunião, entre outras coisas.

Para Lefebvre (1992) *apud* Padua (2007) o cotidiano, trata-se, portanto de caracterizar a sociedade em que vivemos que gera cotidianidade (e a modernidade). Trata-se de definir a sociedade, de definir suas transformações e perspectivas, retendo entre os fatos aparentemente insignificantes, alguma coisa de essencial, e ordenando os fatos.

1.2.1. Uma breve discussão sobre a noção de espaço

Carlos (1992) aponta que o espaço é produto do trabalho social, condição e meio do processo de produção da sociedade e que a cidade é uma construção humana (social e histórica) e que o solo urbano tem valor enquanto produto do trabalho humano. Nesse sentido, a autora coloca ainda que a evolução nos preços do solo urbano atrelado às condições de reprodução do espaço urbano são decorrentes da produção das condições gerais da reprodução do sistema.

O espaço é fundamentalmente humano, uma vez que é produzido historicamente através de relações sociais, é o lugar onde acontecem as interações sociais, ou seja, o homem (sociedade) o produz, não apenas habita, vive nele. É também a partir do trabalho humano, no processo de humanização (conscientização) do homem

que as relações sociais e espaciais se concretizam de fato, uma vez que quando o homem se produz enquanto sociedade material e socialmente produz também o espaço.

Nessa perspectiva, Carlos (1992), coloca que a sociedade produz o espaço a partir da contradição entre um processo de produção socializado e sua apropriação privada. Portanto, o espaço se reproduz, reproduzindo conflitos. Neste sentido, deve ser ressaltado que por ser palco da vida e história humana, há no espaço a instauração de diferentes usos e em diferentes tempos, visto que, as relações sociais de produção do espaço são determinadas de acordo com cada momento histórico voltadas a atender a reprodução do capital no espaço.

“O espaço é o objeto e chega-se a ele no final do processo de pensamento, ele se coloca dessa forma a partir das relações sociais que o compõem, realizadas através das condições históricas e sociais dadas em determinado momento”. (SEABRA, 1998, p. 98). Este espaço, lugar onde historicamente se estabelecem as atividades humanas é desigual, contraditório, produzido e reproduzido com base nas leis de produção e reprodução social.

Santos (1988), inclusive, pontua em uma de suas inúmeras obras que o espaço pode ser compreendido como sendo um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações. Deve ser destacado ainda o papel dos agentes sociais que exercem determinadas funções no espaço, colocados anteriormente neste texto, de acordo com Carlos (1992) aponta que a reprodução do espaço urbano tem como condição a lógica de valorização capitalista a fim de possibilitar os processos de troca, venda e circulação de mercadorias, permitindo a continuidade da produção.

Para reforçar esse pensamento, no sentido de tentar entender o espaço urbano, a autora coloca:

Entender o espaço urbano do ponto de vista da reprodução da sociedade significa pensar o homem enquanto ser individual e social no ser cotidiano, no seu modo de vida, de agir e de pensar. Significa pensar o processo de produção do humano num contexto mais amplo, aquele da produção da história de como os homens produziram e produzem as condições materiais de sua existência e do modo como concebem as possibilidades de mudanças. (CARLOS, 1992, p.70).

A cidade é o lugar onde o capital se reproduz de maneira mais clara, mais viva, e é também na cidade potencializado por uma égide capitalista ‘administrada’ por uma classe dominante que se impõem e são provocadas relações sociais reverberadas no espaço. Novamente no tocante a classe dominante, esta, utiliza-se de alguns recursos para exercer tal domínio no espaço, um deles é a legislação urbana, que é por sua vez a forma mais pura dessa classe dominante operar a sua liderança sobre a cidade.

Sobre essa dominação da classe mais rica e dos agentes hegemônicos impostos no espaço Carlos (1989) assegura:

O processo de produção do espaço é desigual, isto aparece claramente na paisagem através do uso do solo decorrente o acesso diferenciado da sociedade à propriedade privada da terra, e as estratégias de ocupação do espaço urbano passam de um lado pela estratégia das empresas que produzem sobre o solo – uma estratégia que busca realizar o super lucro, mas de outro, pela estratégia dos movimentos sociais que emergem como decorrência do processo de reprodução do espaço capitalista (apropriação privada), que gera a segregação espacial. (p. 121)

Padua (2007) afirma que a lógica levada a efeito por diferentes grupos econômicos no espaço é a lógica da tecnocracia gestada em uma sociedade industrial. Em suma, o autor diz que o espaço é mediado pela reprodução do capital e pelo valor de uso e valor de troca das mercadorias. Para Rodrigues (1998) embora sejam destinadas ao futuro é no momento presente que são produzidas novas mercadorias destinadas a um mercado de consumo. A autora reforça que as mercadorias são cada vez mais rapidamente descartadas, constituindo-se então uma sociedade do descartável.

Nesse universo mercadológico e da propriedade privada se insere o trabalho como propriedade, estabelecido em um momento de supremacia capitalista. As transformações qualitativas do espaço estão intimamente ligadas a uma produção econômica do espaço, perpassadas por uma lógica mercadológica, reduzindo as possibilidades de uso concreto da cidade. A nós, nos coube inferir a essência daquilo que aparentemente é estático, nas paredes, no concreto, naquilo que é nos dado, e que foi histórico e socialmente produzido.

Seabra (1988) coloca que a propriedade levou o trabalho social a realizar-se como capital na medida em que esse trabalho foi sendo apropriado individualmente e

cumulativamente e que esse processo começava e até hoje ainda é regido pelas leis abstratas do valor.

O espaço (urbano) se insere nessa lógica através da propriedade privada da terra, isto é, a terra urbana, é vista como mercadoria, isto é, como mediação da reprodução. Para Carlos (1989) “o processo de produção do espaço é desigual e isto aparece claramente na paisagem através do uso do solo decorrente do acesso diferenciado da sociedade à propriedade privada da terra” (p.121).

Deve ser salientado ainda que a terra urbana é uma mercadoria especial, uma vez que como coloca José de Souza Martins *apud* Carlos (1992) a terra em si não possui valor como, mas sim o fruto da terra obtido através do trabalho humano possui valor. No caso do espaço urbano naquilo que se produz através daquela terra é onde está imbricado seu determinado valor, levando em consideração todos os processos que nele estão envolvidos (localização, infraestrutura e as condições de reprodução do espaço).

Ainda no que se refere ao valor da terra, e da terra sendo vista como mercadoria, a Professora Arlete Moysés Rodrigues (1989) afirma que:

Esta mercadoria ‘*sui generis*’, a terra, tem um preço que é definido pela propriedade, pela capacidade de pagar dos seus compradores e não pela sua produção. Desta mercadoria se obtém a renda. Para determinar-se o preço da habitação acrescenta-se a renda da terra-absoluta e diferencial, os lucros dos investimentos de incorporação, da construção da casa, e os juros do capital financeiro – o que atingirá um número extremamente elevado e inacessível para a maioria dos trabalhadores. (p. 23)

Caminhando nesse sentido Seabra (2009) destaca que a produção do espaço pressupõe a sua reprodução o que ocorre com e sobre a valorização dos terrenos urbanos nas condições em que o valor de uso do espaço está completamente sujeitado ao valor de troca, enquanto expressão abstrata das relações sociais de equivalência.

Na análise da produção do espaço Carlos (2001) *apud* Martins (2014) afirma:

A análise da produção do espaço pode ser realizada a partir de três níveis: a dominação política, a acumulação do capital e a prática social. O primeiro nível é definido pelas ações do poder político e das elites no estabelecimento dos espaços públicos (*e dos espaços que a própria elite vai ocupar*). A acumulação de capital caracteriza-se pela

criação de produtos imobiliários (*e de produtos de outra natureza*) que favoreçam a acumulação e reprodução do capital. A prática social corresponde à materialização da vida em tais espaços, a partir de práticas cotidianas (grifos nossos).

Além disso, processos multiescalares, isto é, desde a escala local até a escala global, englobando-se a infraestrutura e a localização determinam o valor da terra (urbana) e, por conseguinte, quem a utiliza e como ela deve ser utilizada. Em concordância com isso, Padua (2007) afirma que o espaço é a dimensão da vida, e a reprodução da vida na cidade está subjugada a decisões tecnocráticas que são tomadas nos escritórios das empresas (aqui ou em outros países), nos gabinetes políticos, nas pranchetas dos arquitetos ou nos cálculos dos engenheiros.

É interessante pensar no que tange a produção do espaço, que esta, como aponta Padua (2007) se coloca, cada vez mais, como mediação fundamental para valorização de capitais da esfera financeira. Porém, na produção do espaço existem forças e estratégias, em sua maioria de cunho político, mas existem ainda estratégias e forças do capital financeiro (pelas empresas; incorporadoras; indústrias; etc) que acabam por se chocar nessa produção.

A partir de imperativos de uma lógica abstrata, a expansão do modo capitalista de produção em nível mundial coloca o espaço como mediação nesse processo de reprodução. A totalização da reprodução social impõe determinações que se assentam na mobilização de espaços para estratégias globais que visam o progresso.

Seabra (2009) reforça isso dizendo que a quantidade de interesses econômicos, sociais e políticos que convergem nas políticas de espaço estão hoje se expandindo para além dos limites dos governos e do setor privado com a entrada de organizações multilaterais (Banco Mundial) no financiamento de políticas públicas.

Ainda nesse sentido, Padua (2007) coloca que “nos deparamos com a reprodução do espaço urbano, no sentido de que, a produção de novas espacialidades está inserido numa lógica (capitalista) inerentemente reprodutível (a sua realização é ao mesmo tempo sua reprodução). O espaço urbano (sobretudo) é tomado como campo de estratégias de reprodução social” (p. 146).

Além disso, é necessário ainda pensar as perspectivas o espaço urbano colocado por Corrêa (1995) como sendo o conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si. Carlos (1992) estabelece o urbano como obra histórica que se produz continuamente a partir das contradições inerentes à sociedade. As formas condicionadas pela reprodução do capital impõem usos distintos do espaço urbano e apontam determinadas áreas, como: o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviço e de gestão; áreas industriais e áreas residenciais, distintas em termos de forma e conteúdo social; áreas de lazer; etc.

Este conjunto de usos da terra é a organização espacial da cidade ou simplesmente o espaço urbano fragmentado. Ainda segundo Corrêa (1995), embora o espaço urbano seja fragmentado, ele se articula através dos fluxos e dos deslocamentos. Tendo em vista o que Souza (2003) coloca que a cidade à medida que cresce se complexifica, a cada dia oferece cada vez mais bens e serviços variados, no seu espaço urbano multiplicam-se subcentros de comércio e serviços, sua centralidade fragmenta-se e sua vida cultural se torna cresce ainda mais.

Deve ser destacado ainda o conceito de Centralidade no espaço, que seria de maneira geral uma ligação entre os fluxos e serve ainda como complemento para o centro principal, fato percebido efetivamente na Região dos Bancários na última década, e, ainda que de forma branda, transforma a estrutura espacial e social do lugar. Como afirma Ribeiro (2016) quanto maior o número de bens e serviços oferecidos (funções centrais), maior será o grau de centralidade, como também a sua região complementar (área de mercado), além da maior quantidade de população externa atendida.

Seguindo essa perspectiva Padua (2007) aponta que “com a expansão da mercadoria sobre o espaço urbano, o centro histórico se esvazia de seu sentido simbólico, é implodido. Constituem-se, no tecido urbano outras centralidades produzidas de acordo com a lógica e a linguagem da mercadoria, como produto” (p. 107). Há, portanto, a partir dessa lógica uma reestruturação espacial nas cidades.

Como aponta Lencioni (1991, p. 214) *apud* Fioravanti (2009), o conceito de “reestruturação envolve tanto aspectos sociais quanto espaciais”. Além desses, outros conceitos e noções relacionados à Geografia Urbana e que fundamentam de maneira mais sólida este aporte teórico serão apontados na pesquisa.

1.3. APONTAMENTOS TEXTUAIS

Após discorrermos durante estas considerações introdutórias sobre as questões que justificam a escolha do tema, colocaremos algumas notas metodológicas e discutiremos algumas questões dentro de uma fundamentação teórica, em especial, a discussão sobre o espaço e como este é produzido. Apontaremos, então, as noções que seguiremos colocando dentro do texto nos capítulos seguintes.

Na segunda parte do texto, intitulada como “História do Espaço na Região do Bairro dos Bancários”, iremos apoiados em alguns autores, construir a história desse espaço, recompondo os elementos no espaço, seguiremos, portanto, tendo como fio condutor a inquietação de como este espaço é dinamicamente produzido. Isto é, como ele foi sendo produzido e observando especialmente, as transformações e as permanências desse espaço ao longo do tempo. Apontaremos também, noções referentes ao bairro e ao lugar, como ambos, são concretamente vividos.

Dando prosseguimento ao curso da pesquisa, chega-se a terceira parte do texto que tem como título “O Bairro dos Bancários e sua Região no Contexto da Urbanização de João Pessoa”, colocaremos a atual situação do bairro e de sua adjacência, no sentido do urbano. Contextualizando-a, dentro do processo de urbanização contemporânea de João Pessoa, apontando quais fatores e processos imbricados nesses fatores dentro do processo de produção da cidade como um todo distinguem essa região de outras regiões da cidade. Na parte final do texto, iremos apontar mais alguns resultados obtidos durante a pesquisa e os discutiremos e, por fim, faremos algumas considerações finais.

2. A HISTÓRIA DO ESPAÇO NA REGIÃO DO BAIRRO DOS BANCÁRIOS - HISTÓRIA DO ESPAÇO

A cidade é um objeto social transhistórico, perpassa a história e se transforma ao longo dela, no bojo dessas constantes transformações existem evidências que permanecem. Permanece como sendo o lugar da troca, da centralidade, da reunião, do encontro, em suma, a cidade permanece como sendo o *locus* da produção, da reprodução da força de trabalho, da concentração e de toda a sociedade, os articulando através de relações sociais.

“Como resultado do trabalho da sociedade em cada momento de sua história, a construção da cidade está associada ao modo de produção”. (SILVA, 2000, p. 109). O bairro, nesse sentido, como ‘pedaço’ da cidade, aparece dentro da fragmentação do espaço-tempo da vida cotidiana, como mediação entre a cidade, o morador e o mundo ou como coloca Seabra (2009) como “ambiência de vida” (p. 409). Neste capítulo, portanto, apontaremos como aconteceram as principais transformações do espaço no local estudado.

Ao final do Século XIX com o avanço das relações capitalistas, especialmente após a Revolução Industrial há uma intensa expansão urbana nas cidades em geral. Isso se dá ao observarmos que a industrialização induz a urbanização da sociedade. Generalizando uma nova maneira de produção na cidade, nova maneira de pensar, sentir e viver a cidade, um modo de vida urbano, ou seja, após o estabelecimento propriamente dito da urbanização. Esta passa a ditar o modo no qual se davam as relações sociais, especialmente nas cidades.

Nas cidades brasileiras, a efetivação desse intenso processo de urbanização tem o seu início a partir da segunda metade do Século XX. No que se refere aos estudos urbanos nesta época tratavam-se apenas de dados catalogados e apresentados de maneira estática, havia, portanto um intenso esforço descritivo. Neste contexto, a cidade de João Pessoa, embora fundada em 1585 com *status* de cidade real (capital, já na época), permanece “entrincheirada” em sua região central, durante cerca de 300 anos.

O espaço da cidade foi sendo produzido de forma lenta, motivado especialmente por interesses da elite a partir de incentivos estatais. Martins & Maia apontam que após o final do Século XIX, acontecem diversas modificações em nível

nacional na área política, no campo social e no campo econômico com destaque para alguns eventos como: a Independência do Brasil (1822); a Abolição da Escravatura: a Proclamação da República (1889). Nesse interim acontece a instauração da Lei de Terras (1850), pontapé inicial para o acúmulo e comercialização da terra no país. Por intermédio de determinações jurídicas que passavam a garantir a propriedade privada, se tinha ou não, o acesso a terra.

Martins & Maia (2015) seguem colocando que a partir deste momento de transição² do rural para o urbano, entre o final do Século XIX e o início do Século XX, parte da população do campo passou a residir nas cidades que assumem um novo papel no cenário político e econômico. A elite agrária, forma nesse período uma elite urbana e que, aos poucos, insere na sociedade novos valores, isto é, novos olhares sobre a cidade, transformando e produzindo de uma nova forma o espaço da cidade de João Pessoa.

Entretanto, entre os anos 1970 e 1980, já no Século XX, momento no qual a cidade passa por um processo de industrialização, ainda que não tão efervescente, é que se consolida a urbanização propriamente dita na capital paraibana. Isso se dá, alavancado por incentivos estatais, vindos através da SUDENE, que tem como foco a industrialização do Nordeste do Brasil. Passa a impressão de que iriam ocorrer melhorias na infraestrutura básica da cidade, carregando consigo um gradativo aumento populacional.

De acordo com Silva (1999, p.59) as transformações ocorridas na estrutura produtiva da cidade de João Pessoa, sobretudo nas décadas 1970 e 1980, resultaram, portanto, na melhoria de sua infraestrutura urbana, como também na crescente expansão do número de empregos nos setores de comércio e serviços. Transformando a maneira na qual o espaço é produzido na cidade, modificando a paisagem e o uso do solo na cidade. Corroborando com esse fato Lefebvre (2002, p.17) coloca que “a concentração da população acompanha a dos meios de produção. O *tecido urbano* prolifera, estende-se, corroendo os tecidos de vida agrária” (grifo do autor).

Outro fator importante neste processo é a construção da Av. Eptácio Pessoa ligando o Centro da cidade à orla marítima, fazendo com que a cidade se expandisse

² Embora essa transição tenha acontecido de fato, consolidando a urbanização de João Pessoa, Maia (2010) coloca que por algum tempo ainda no Século XX e Século XXI, ainda existem (existiam) enclaves rurais no tecido urbano de João Pessoa-PB. Ainda segundo Maia (2010) esses pontos rurais no urbano em João Pessoa tinham por característica, serem espalhados pela cidade, próximo às margens dos rios.

para Leste, visto que para Sul já havia uma ligação natural com a cidade do Recife, cidade mais importante da Região Nordeste do Brasil na época, tal importância ainda permanece atualmente.

Essa interligação acontecia através da Avenida Cruz das Armas e alguns traços de uma urbanização ainda acanhada. Ao passo que a elite ocupava o eixo leste próximo à região central e em direção à orla, a partir da Avenida Epitácio Pessoa, as classes populares ou menos favorecidas financeiramente se colocava na expansão do eixo sul, tendo como base a Avenida Cruz das Armas.

Por volta das décadas de 1970 e 1980 no momento em que há um intenso processo de expansão e consolidação urbana na cidade, a partir de incentivos estatais no sentido Sul e Leste da cidade surge em 1980 o Bairro dos Bancários, anteriormente, Conjunto dos Bancários, segundo Lavieri & Lavieri possuindo até então 1.500 unidades habitacionais.

De acordo com Silva (2000):

Verifica-se, então, que, no sentido sudeste, foram criados núcleos residenciais em áreas dotadas de infra-estrutura urbana, previamente planejadas para abrigá-los; posteriormente, esses núcleos viriam a atrair um expressivo contingente populacional que, até então, vivia em outras áreas da cidade e, até mesmo, fora do estado da Paraíba. Desse processo resultou a implantação dos núcleos habitacionais dos Bancários e Anatólia localizados em torno do *Campus* da Universidade Federal da Paraíba. Atualmente esses núcleos populacionais já dispõem de um amplo conjunto de atividades comerciais e de serviços, dotados de equipamentos modernos e capaz de atrair, para a área, investimentos capitalistas de expressão. (p. 110)

Com base em Lavieri & Lavieri (1999), o crescimento de João Pessoa é dividido em três grandes momentos. Inicialmente quando a produção do espaço na cidade se dava quase que exclusivamente em torno de seu núcleo central de fundação ou centro histórico, crescendo apenas nos arredores do Centro (Cidade Baixa e Cidade Alta) que se estende de 1585 até os anos 1900-1910. Correspondendo aos atuais bairros de: Varadouro; Tambiá; Jaguaribe.

Posteriormente por intermédio da construção da Avenida Epitácio Pessoa, o espaço em João Pessoa, passa a ser produzido e vivido, com outras concepções. Isto é, quando o crescimento da cidade se dá em direção aos bairros da orla marítima: Tambaú,

(anteriormente distrito da cidade) Cabo Branco e Manaíra. Entre as décadas de 1900-1910 até meados das décadas de 1960 e 1970 e ocupação de áreas próximas da Av. Epitácio Pessoa. Correspondendo aos atuais bairros de: Expedicionários; Pedro Gondim; Bairro dos Estados; Tambauzinho e Torre, além dos bairros já citados acima.

‘Por fim’, a expansão da cidade se dá na direção sul-sudeste, bem como na sul-sudoeste, (Zonas Sul e Oeste da cidade) contornando a Reserva Florestal da Mata do Buraquinho, tendo como ligação principal ao Centro da cidade, as Avenidas Dom Pedro II e Cruz das Armas cujos conjuntos habitacionais e bairros estão listados no Quadro 1.

Campos (2009) reforça, dizendo:

Ainda nesse sentido de tentar estabelecer uma “periodização” do crescimento de João Pessoa, Maia (2000), nos ajuda em sua tese “Tempos lentos na cidade”, ao trazer como recorte espaço-temporal as noções de “Cidade Tradicional” e “Cidade Modernizada”, no qual a “época” da primeira corresponderia ao período de desde a fundação da cidade, em 1585, até meados da década de 1960-1970 e a segunda (“Cidade Modernizada”), corresponde ao período que se inicia, principalmente, a partir da década de 1960 e que se estenderia até os dias de hoje.

Com relação à consolidação da urbanização em João Pessoa e ao crescimento da cidade, a partir dos anos 1960, listamos no Quadro 1³, os principais conjuntos habitacionais⁴, posteriormente chamados de bairros, criados ao longo das duas próximas décadas, fundados basicamente a partir de incentivos estatais.

³ Nesta época no Brasil estava em vigor o Regime Militar (1964-1985), o que significa dizer que as eleições eram indiretas, ou seja, os prefeitos e governadores eram indicados pelos presidentes em curso. Daí, então a razão pela qual vimos tantos bairros em João Pessoa com nomes de ex-presidentes do Brasil, eles em parcerias com os prefeitos e governadores, colocavam seus nomes nos conjuntos habitacionais recém-criados, em homenagem a eles próprios ou a seus parentes, como no caso do Valentina, Valentina Figueiredo era a mãe de João Figueiredo.

⁴ Os conjuntos destacados em itálico estão no eixo sul-sudeste (atual Zona Sul) e os demais estão no eixo sul-sudoeste (atual Zona Oeste).

Quadro 1 – Lista dos Conjuntos Habitacionais criados nas atuais Zonas Sul e Oeste de João Pessoa-PB

| Eixo | Sul- Sudeste/Sudoeste | Até o ano de 1970 | Até o ano de 1975 | Até o ano de 1980 | Posterior ao ano de 1980 |
|-------------|----------------------------------|---|----------------------------------|------------------------------|-------------------------------------|
| | | Cidade dos Funcionários (1968) | <i>Castelo Branco III</i> (1974) | Ernani Sátyro (1977) | Cristo Redentor (1981) |
| | | <i>Castelo Branco I</i> (1969); <i>II</i> (1970) | | José Américo (1978) | <i>Anatólia</i> (1981) |
| | | Costa e Silva (1971) | | Ernesto Geisel (1978) | Bairro das Indústrias (1983) |
| | | | | José Vieira Diniz (1979) | <i>Mangabeira I</i> (1983) |
| | | | | <i>Bancários</i> (1980) | <i>Valentina Figueiredo</i> (1984) |
| | | | | | <i>Mangabeira VII</i> (1994) |
| | | | | | <i>Mangabeira VIII</i> (1998) |

Fonte: Lavieri & Lavieri (1999); Maia (2000). Elab.: Matheus Oliveira (2018)

Com essa afirmação da urbanização na cidade com a criação desses conjuntos habitacionais e do loteamento de outras áreas, especialmente no que hoje conhecemos por Zona Sul e Zona Oeste da cidade. Houve então um crescimento populacional a partir de um direcionamento do crescimento para essa região em função das políticas de espaço e dos investimentos privados. Os conjuntos listados no Quadro 1, foram financiados pelo SFH, em conjunto com algumas instituições como a CEHAP, o IPEP

Janete Lins Rodriguez e Martine Droulers (1981) dão a indicação de dois eventos de suma importância para que João Pessoa se urbanizasse de fato e crescesse em termos populacionais. Estes acontecimentos foram: a fundação da Universidade Federal da Paraíba dando uma dimensão cultural que a cidade ainda não tinha e a implantação do Distrito Industrial, a partir de uma política de industrialização desenvolvida após 1970, ou seja, o próprio Estado impulsionou o crescimento industrial e urbano da cidade.

Maia (2000) aponta que o aumento populacional que ocorre em João Pessoa ao longo de vinte e cinco a trinta anos deve-se em grande medida às transformações que ocorreram na zona rural paraibana. Quando grandes lavras populacionais migram do campo para a cidade devido às dificuldades de vida no campo, bem como devido ao processo de expulsão dos pequenos produtores agrícolas em decorrência da expansão do latifúndio sobre as terras destes.

No início dos anos 1970, ainda havia em João Pessoa muitas propriedades rurais, a maioria destas terras, eram bastante extensas, como, por exemplo, a do Sr. Paulo Miranda, que havia adquirido essas terras em um leilão do Banco do Brasil. Segundo moradores e trabalhadores do Jardim São Paulo, a fazenda dele se estendia sobre os atuais bairros de: Bancários, Jardim Cidade Universitária, Anatólia, Jardim São Paulo, Água Fria, comunidade do Timbó, até a praia da Penha.

O bairro dos Bancários⁵, eixo central da pesquisa, não só por dar nome à região, mas, sobretudo por se constituir como uma centralidade foi fundado em 20 de Junho de 1978, através de uma cooperativa cujos associados foram alguns trabalhadores do serviço bancário da Caixa Econômica Federal e os servidores da UFPB. “Inicialmente com a denominação de Loteamento Itubiara, sua implementação foi financiado pelo Banco Nacional de Habitação – BNH e pelo Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais – INCOOP”. (PMJP, 2009 *apud* SANTOS, 2015, p. 23).

O *Campus* I da Universidade Federal da Paraíba é inaugurado no final da década de 1970 no Bairro Castelo Branco, nas proximidades do Bairro dos Bancários. A UFPB, anteriormente era descentralizada, em várias faculdades, em diversos pontos da cidade. Surge então como um dos prismas de expansão urbana da cidade e traz consigo a formação de mais um conjunto habitacional, o chamado Conjunto dos Professores. O Bairro dos Bancários, por sua vez, se firma durante algum tempo tendo por característica apenas ser um bairro residencial, conforme se vê nas fotos 01 e 02.

⁵ Atualmente existem cerca de quinze ruas espalhadas pelo bairro dos Bancários, cujos nomes são de antigos trabalhadores do serviço bancário. Destaque para a Rua Bancário Sérgio Guerra, parte da composição da Avenida ‘Principal’ dos Bancários. Existem também algumas ruas com nomes de professores (de 5 à 7 ruas) no Bairro dos Bancários, provavelmente em homenagem aos professores e servidores da UFPB, que juntamente com trabalhadores do serviço bancário, fundaram o Conjunto dos Professores e Conjunto dos Bancários. Nos dias atuais, ambos os conjuntos correspondem ao Bairro dos Bancários.

Foto 1 - Fotografia Aérea de Parte dos Bancários e Parte do que atualmente corresponde ao Jardim São Paulo em Novembro de 1989.



Fonte: PMJP, 1989.

Foto 2 - Fotografia Aérea de Parte dos Bancários e Parte do Jardim Cidade Universitária em Março de 1998



Fonte: PMJP (1998)

Limita-se ao Norte com o *Campus* Universitário da UFPB e com o bairro Castelo Branco. Ao Sul, limita-se com o conjunto Água Fria e com o bairro Jardim Cidade Universitária, a Oeste limita-se com o conjunto Anatólia e a Leste com a BR-230 e com a Mata do Buraquinho, Jardim Botânico Benjamim Maranhão. Essas demarcações territoriais oficiais, por vezes acabam por se confundir devido a uma intensa conurbação nos últimos anos.

O conjunto Anatólia, que também foi financiado pelo SFH/INOCOOP, foi criado pouco depois da fundação do Bairro dos Bancários, em 1981, possuindo em sua fundação, 222 unidades habitacionais. De acordo com Campos (2009) o bairro de Jardim São Paulo⁶ na Lei Municipal 8466/97, “pertencia” ao bairro dos Bancários. Entretanto, em Setembro de 1998 esse bairro foi oficializado, conforme Lei Municipal 1574/98, que dispunha sobre a nomeação e delimitação dos 60 bairros do município de João Pessoa.

Campos (2009) afirma também que foram incorporados ao bairro dos Bancários em 30/12/1997, segundo a lei 8466, que regulamentava a “transformação dos conjuntos residenciais dos Bancários, Anatólia, Professores, Jardim São Paulo e Jardim Cidade Universitária para bairro dos Bancários”. O bairro do Jardim Cidade Universitária, que correspondia a parte onde se instalara o Loteamento Itubiara (posteriormente, Bancários) é fundado institucionalmente como bairro, durante o final da década de 1990.

2.1.BREVES NOÇÕES REFERENTES AO LUGAR E AO BAIRRO.

O lugar é a escala de análise a partir do qual podemos perceber a prática socioespacial do momento atual, é a dimensão do uso concreto do espaço. Que se por

⁶ Inicialmente correspondia aos Loteamentos Novo Horizonte e Cidade de São Paulo, dentro do que equivalia ao Bairro dos Bancários, posteriormente tornou-se o Bairro do Jardim São Paulo. Composto basicamente por prédios de três ou quatro andares, no seu início. Por causa do nome que carrega é comum vermos nos nomes dos edifícios, nomes de cidades paulistas, como: Ed. Osasco; Ed. Guarujá; Ed. Lorena, etc. É comum também vermos edifícios com nome de bairros da capital paulista, como: Ed. Jardim Paulista, Ed. Morumbi. Atualmente, edifícios residenciais de alto gabarito já surgem na paisagem do bairro.

um lado representa uma relativa homogeneização da vida, por outro lado pode revelar as particularidades do vivido. “O que aparece formalmente como atributo locacional do lugar, é em essência uma relação histórica constituída” (SEABRA, 1988, p. 103).

Indica-nos então que o conteúdo concreto do lugar passa por compreendermos como os moradores vivem àquele determinado lugar. Está no lugar, à memória que embora seja essencialmente temporal é substancialmente espacial (dos lugares), está aqui também o cheiro, o ritmo, o movimento que existe (existia), é particularmente a representação afetiva do espaço.

Passa ainda por nos revelar em cada banco da praça, no andar apressado das pessoas, nas calçadas, quase não mais ocupadas pelas pessoas dando lugar aos carros (estacionamentos), nas casas, no desenrolar comum da vida cotidiana como se vive nesse lugar. Há aqui, na dimensão do lugar, que este, é cada vez mais, perpassado pelas transformações rápidas e destrutivas dos espaços qualitativos da vida a funcionalização dos lugares, que tem por finalidade central a expansão capitalista.

É, em seu âmago, a realização da própria vida na cidade e suas transformações. Nesse sentido, as possibilidades de uso concreto da cidade são reduzidas e estão reduzidas pela lógica da mercadoria. Transformação da morfologia urbana, casas que se tornam comércios (bares, padarias), espaços habituais de sociabilidade da população mudam, acabam virando outros equipamentos. Também acontece uma modificação no ritmo do lugar, no movimento dos carros, da quantidade de pessoas. Essas mudanças intensas acabam por desprezar a história social concreta dos lugares.

“O espaço pode ser a dimensão de muitos lugares. O lugar é ao mesmo tempo particular e geral. Tem uma forma e um conteúdo. Enquanto forma não revela, necessariamente, a própria essência e enquanto conteúdo o lugar é uma relação historicamente constituída” (SEABRA, 1988, p. 99). O lugar, nessa perspectiva pode ser pensado como um fragmento que faz parte de uma totalidade espacial fundamentado em um desenvolvimento desigual.

Carlos (2007) afirma que:

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela *tríade habitante-identidade-lugar*. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida do indivíduo. Este plano é aquele do local.

As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos de uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo. (p. 17)

O bairro é a dimensão do vivido, é a expressão da fragmentação do espaço, é o lugar onde há o contato dos moradores com o mundo, sua história está nos detalhes, nas singularidades. A nós, nos cabe, interpretar o conteúdo dessas especificidades, isto é, como ao longo do tempo foram sendo produzidas. O bairro em si não é sujeito, mas as relações sociais que historicamente o produzem sim, formando a paisagem e o lugar.

Para Carlos (1996) *apud* Silva (1999), bairro é:

“O espaço imediato da vida das relações cotidianas mais finas – as relações de vizinhança, o ir às compras, o caminhar pelas ruas, o encontro dos conhecidos, o jogo de bola, as brincadeiras, o percurso reconhecido de uma prática vivida/reconhecida em pequenos atos corriqueiros e aparentemente sem sentido que criam laços profundos de identidade, habitante-habitante, habitante-lugar”. (p.21)

Durante as atividades da pesquisa fizemos algumas entrevistas com alguns moradores antigos, comerciantes, corretores imobiliários da região sobre como eles veem e vivem o lugar, o que eles pensam sobre a transformação desse espaço ao longo do tempo. Colocaremos aqui, portanto, as mais diversas impressões relatadas sobre o movimento de mudança (transformação/produção) desse espaço, inicialmente iremos observar a visão de alguns moradores.

“Eu moro aqui há 38 anos, gosto de morar aqui, mas ao longo desse tempo percebi várias mudanças. Houve principalmente um grande avanço no que diz respeito ao comércio e aos transportes. Os ônibus só vinham até onde hoje é o *Carrefour*, precisávamos vir andando de lá até aqui (atual Praça da Paz), hoje, não precisa mais, temos muitos ônibus que passam por aqui. A grande falha aqui é na segurança. Antes, a gente caminhava tranquilo, eu chegava do trabalho às 22h e ia pra casa andando tranquilo, hoje em dia não posso mais fazer isso, por causa da violência. Mas, gosto de morar aqui, por ter uma localização boa e porque aqui tem tudo”.

Entrevistado A, aposentado, ex-professor.

“Eu nasci e me criei nos Bancários, embora tenha morado um tempo fora, sempre que volto à João Pessoa, volto para os Bancários. Uma coisa que eu percebi nessas idas e vindas foi que o bairro quase não tem mais árvores, inclusive na minha casa, meu pai cortou. Eram

muitas, quase todas as ruas, todas as casas tinham árvores. Outra coisa é que hoje em dia o bairro é muito barulhento, principalmente por causa do trânsito que aumentou muito. A gente quase não tem calçadas, estão todas ocupadas pelos carros. Antes também, nós conhecíamos os nossos vizinhos, hoje em dia com esses muitos prédios, conheço só dois dos vizinhos antigos”.

Entrevistada B, professora universitária.

“Vivo aqui há 38 anos, as casas eram de muro baixo, nos reuníamos aos sábados para conversar, mas hoje, acabou o social. Já bateram várias vezes na minha porta pra eu vender minha casa e virar prédio, meus filhos moram em prédios, mas eu não quero isso”.

Entrevistado C, aposentado.

“Moro aqui a mais de 30 anos, gosto de morar aqui, mas mudou muito. Olhe essa imundície meu filho! (Se referindo aos edifícios altos construídos na região). Esse bairro já foi mais tranquilo, hoje a violência tomou conta.”

Entrevistada D, aposentada.

Fato é, que, ao passar do tempo, as memórias (afetivas), que estão ligadas a um lugar, de moradores antigos e visão deles sobre o bairro vai se esvaindo. O lugar é incorporado mais intensamente ao movimento do capital, a paisagem é modificada quase que diariamente, o espaço é produzido e se (re)organiza de acordo com interesses de grupos empresariais, que por vezes estão situados em lugares longínquos.

Sob a ótica do empreendedor, no caso aqui relatado de um corretor de imóveis o lugar é visto e concebido de outra maneira, isto é, acontece nesse momento a instauração da lógica mercadológica em determinado lugar, no nosso objeto de estudo a região do bairro dos Bancários.

“Os imóveis aqui nos Bancários vão de 130 mil se for de um quarto à 300 mil se forem de três ou mais quartos. Se você comprar na planta é possível que você ache de 100 mil (1 quarto) e até 200 mil (3 ou mais quartos. Quanto mais próximo da ‘principal’ (avenida principal do bairro) mais se eleva o valor do imóvel. As pessoas que compram imóveis aqui têm uma classe social mais elevada e primam pela localização do bairro, por estar próximo à UFPB e a UNIPÊ e pela praticidade/comodidade, pode se fazer vários deslocamentos próximos saindo aqui dos Bancários. Mas elas levam sempre em consideração as opções oferecidas pela construtora.

Entrevistado E, Corretor de Imóveis.

Colocaremos também, dentro desse contexto a visão/observação de pessoas que trabalham/transitam quase que diariamente pelo bairro dos Bancários ou por sua adjacência (região):

“A Panificadora Pernambucana foi inaugurada em 1982 (ver Foto 03), foi a primeira padaria do bairro, essas terras eram do Drº. Paulo Miranda, que até hoje ainda tem terras aqui. Administro a padaria há algum tempo e notei várias mudanças no bairro e na população que frequenta a padaria, principalmente, o crescimento da rua (avenida principal do bairro). Tivemos que nos adaptar a exigência do mercado, hoje em dia, as pessoas não vêm mais a padaria pra comprar pão, apenas, querem, bolo, um doce, etc. De 1990 à 2000 houve um forte crescimento e 2000 pra ‘cá’ também.”

Entrevistado F, administrador da Panificadora Pernambucana.

Foto 3 - Inauguração da Panificadora Pernambucana, meados de 1982.



Fonte: Ranulfo Júnior (2018)

Observam-se na foto 03, resquícios da gênese do bairro dos Bancários, a padaria, elemento comum e importante na composição do bairro, era inaugurada como um elemento de consolidação da urbanização dessa região. Vê-se ainda que não

existiam outros estabelecimentos próximos como atualmente existem, é possível ainda observar que na época não existia calçamento nessa área, nem tampouco asfalto. Itens urbanos que ao passar do tempo chegaram aos Bancários, e que perduram até os dias atuais consolidando ainda mais urbanisticamente essa região, como é possível observar na Foto 04.

Foto 4 - Panificadora Pernambucana e outros comércios em 2018.



Fonte: Matheus Oliveira (2018)

Por fim, veremos o discurso de alguém que trabalha com educação, com práticas educacionais e escolares em geral e, por consequência consegue ver de perto no comportamento dos alunos, dos pais e na influência do mercado, entre outros. As mudanças pelas quais, o espaço do bairro e a sociedade passaram e as modificações nas quais esses, têm passado.

“A escola Carl Rogers foi fundada em 1980⁷, mas começou a funcionar em 1981, mas estamos nesse prédio desde 1986. O bairro dos Bancários era bem tranquilo, havia um contato social mais próximo, um contato quase que provinciano. Mas nesses últimos anos aconteceram várias mudanças na sociedade e aqui no bairro. Nós, da comunidade escolar tivemos que nos adaptar a elas.”

Entrevistada G, diretora da Escola Carl Rogers

⁷ Embora a Escola Carl Rogers tenha sido inaugurada em 1980, a primeira escola (grupo escolar) do bairro é a Escola Municipal Lions Tambaú, fundada em 1974, situada no que atualmente é a ‘Principal’ dos Bancários, quando havia no que hoje corresponde ao Bairro dos Bancários apenas o Loteamento Itubiara, que viria a ser parte dos Bancários, posteriormente. Fundada pelo Rotary Club, em 1979, já com a instalação do bairro (1978), a escola se torna municipal, pelo então Prefeito Damásio Barbosa da Franca.

3. O BAIRRO DOS BANCÁRIOS E SUA REGIÃO NO CONTEXTO DA URBANIZAÇÃO DE JOÃO PESSOA.

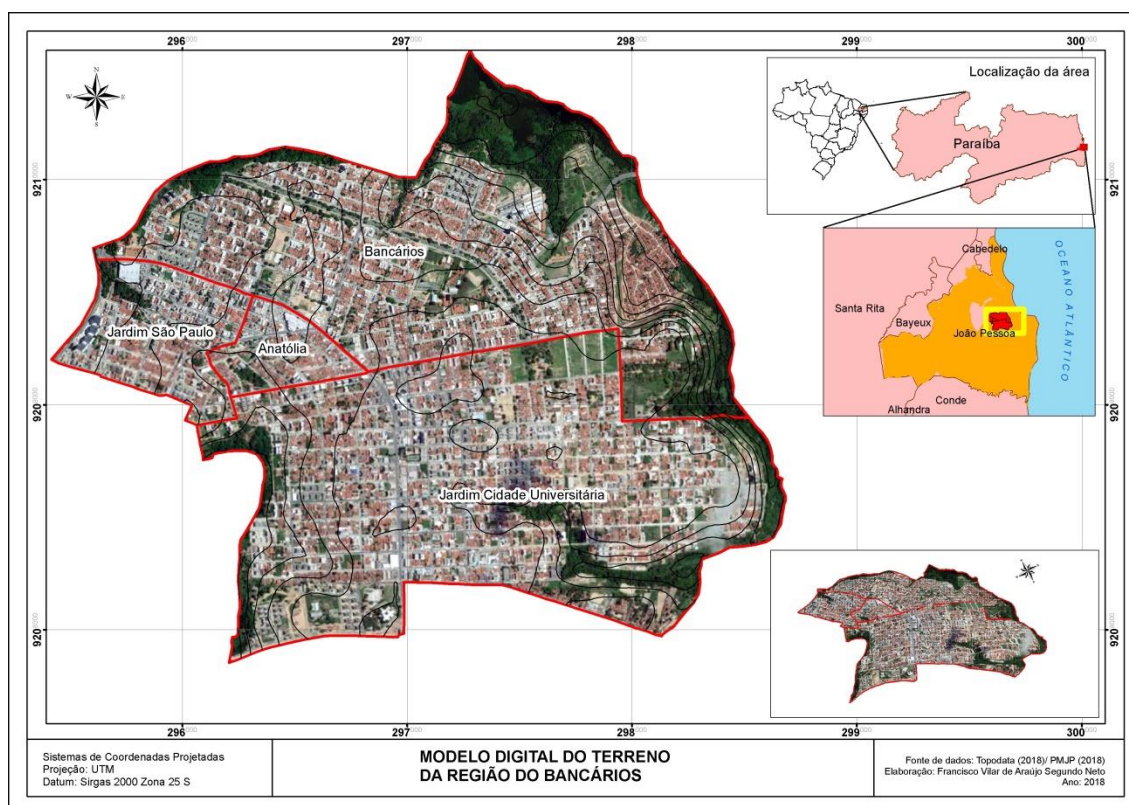
Tomando como base o que foi exposto anteriormente, iremos nesta parte do texto, contextualizar a região do Bairro dos Bancários dentro da urbanização contemporânea de João Pessoa. A capital paraibana vem passando nas últimas décadas por uma expressiva dinamização no que se refere à produção/especulação imobiliária, sendo inserida cada vez mais dentro da lógica de mercado do capital, transformando intensamente a paisagem e o uso do solo, mesmo que em um curto período de tempo.

Uma urbanização que até meados dos anos 1980 era quase estritamente estatal, ou seja, dada a partir de incentivos estatais, agora o que se vê pela cidade é um processo de aceleração da dinamização da produção do espaço em João Pessoa. Há um aumento da incorporação do trabalho, a partir da intensificação da verticalização, dos vários prédios altos diariamente construídos pela cidade. Existem investimentos de grupos empresariais locais, mas também de fora da Paraíba, alguns até estrangeiros.

Entretanto, o que mais nos desperta interesse, algo que é visto comumente em João Pessoa são os novos modos de uso da cidade, fazendo com que haja uma mudança perceptível nas relações sociais e na produção do espaço da cidade. Nosso objeto, a região dos Bancários, se coloca (é colocada) nessa racionalidade como o grande eixo de expansão da Zona Sul, atraindo, então, grandes investimentos de grupos empresariais tanto no ramo imobiliário quanto no ramo comercial (comércios e serviços).

Merece ser destacado que o que denominamos por “Região dos Bancários”, baseando-se em sua área de influência (bairros e conjuntos que o cercam) em outrora já fora denominado de “Complexo Bancários”, apontado assim por Campos (2009), como pode ser observado no Mapa 2.

Mapa 2 - Modelo Tridimensional da Região dos Bancários



Elab.: Francisco V. A. Segundo Neto (2018). Org.: Matheus Oliveira (2018). Fonte: Topodata (2018); PMJP (2018).

Os bairros que compõem a região, por sua vez, se firmam durante algum tempo tendo por característica apenas serem bairros residenciais. Contendo em si elementos urbanos importantes, como saneamento básico, ruas, em sua maioria, asfaltadas ou ao menos com calçamento, iluminação pública⁸, especialmente, a partir dos anos 1990. Recentemente, esses elementos tiveram uma melhoria. Embora, no início, não dispusesse de serviços úteis, como mercado público, supermercados, etc., os moradores recorriam ao bairro de Mangabeira, já que possuía uma veia comercial forte ou ao Centro da cidade.

No entanto, esse lugar tem apresentado um grande crescimento na última década, despontando como uma das áreas de maior crescimento imobiliário, além de apresentar uma vasta gama de comércios e serviços dentro da capital paraibana.

⁸ Como nos falou o Entrevistado H, aposentado, ex-gerente de uma empresa de transportes, “quando eu cheguei aqui quase não tinha iluminação, agora melhorou muito. Ajeitaram tudo, tudo aqui nos Bancários cresceu muito, antes era mais tranquilo, mas eu sempre gostei de morar por aqui!”.

No que se refere ao crescimento imobiliário, pode ser observado ao andar pela região. Fundamentalmente, por sua avenida principal e no seu entorno uma substituição de casas que seguiam certo padrão retilíneo, especialmente nos Bancários e no Anatólia (15x47) por edifícios em sua maioria ‘caixotes’ de três ou quatro pavimentos, mas o surgimento de edifícios entre cinco e oito e de dez ou mais pavimentos é algo recorrente na região dos Bancários.

Há também, uma mudança de locais residenciais em outrora que agora passam a ser comerciais, dos mais diversos tipos. Essencialmente na última década, a região dos Bancários, somado a Avenida Josefa Taveira no bairro de Mangabeira, vem sofrendo grandes modificações e se constituem como sendo uma importante região comercial, residencial e de serviços da cidade de João Pessoa.

Configura-se, portanto como uma nova centralidade (sub-centralidade) na cidade. Este bairro graças a uma imensa variedade de comércios e serviços possui também uma grande área de influência formada pelos bairros vizinhos de Jardim São Paulo, Anatólia, Jardim Cidade Universitária, Colibris, Castelo Branco, Mangabeira e Água Fria, e também por áreas mais longínquas da Zona Sul da cidade.

Ainda sobre as constantes e intensas modificações Carlos (1992) nos traz à tona a questão de que a vida das pessoas se modifica com a mesma rapidez com que se reproduz a cidade. Esse fato nos remete à efemeridade da vida cotidiana contemporânea e no quanto as relações sociais concretas passam a ser cada vez mais passageiras, surgindo, mas se esvaindo e se esvaziando no tempo e no espaço, sobretudo no espaço urbano.

A autora chama atenção para o ritmo que cidade tem, “o semáforo é o símbolo da cidade de hoje, do seu ritmo febricitante, dos signos que emitem ordem” (CARLOS, 1992, p. 17). Nesse sentido, Lefebvre (2002) coloca que “o tempo torna-se o ‘tempo-mercadoria’ (tempo de compra e venda, tempo comprado e vendido). A rua regula o tempo além do tempo de trabalho; ela o submete ao mesmo sistema, o do rendimento e do lucro” (p. 31).

Aprendemos então que no espaço urbano as coisas (relações sociais) acontecem com o tempo cronometrado, acaba que tudo fica espaçado em seu determinado tempo, com hora marcada para começar e terminar. Funcionalizando os

espaços da cidade, programando o cotidiano das pessoas, com horário contado para as atividades na cidade começarem e terminarem, além disso, produzindo estruturas e relações efêmeras e impessoais.

Isso acontece comumente nas mais diversas atividades cotidianas urbanas, como no lazer: o futebol do final de semana, por exemplo, deve ser praticado “num sábado à tarde das 16h às 18h”, porque outras pessoas irão utilizar-se daquele determinado espaço, entre outros.

Com o passar dos anos, principalmente nas últimas décadas e de uma forma ainda mais específica, na última década, alavancado por um crescimento populacional e expansão da cidade, há uma significativa alteração na morfologia da cidade, especialmente na Zona Sul. Isso acontece a partir de 2009, devido a uma mudança na taxa adensável dentro do Plano Diretor da cidade.

A região dos Bancários é por nós assim intitulada, porque popularmente toda essa região ficou conhecida com o nome do bairro dos Bancários. É possível perceber a influência do bairro sobre os conjuntos vizinhos, a partir da avenida que corta transversalmente o bairro. Isto é, mesmo estando-se no Jardim Cidade Universitária, na Rua Walfredo Macedo Brandão, corriqueiramente se diz estar na ‘principal’ dos Bancários. Isso significa dizer que a ‘principal’ dos Bancários vai até o Jardim Cidade Universitária, ou até mesmo começa em outro bairro, no entanto é de suma importância compreender que o espaço é concretamente vivido desta forma.

Esta região da cidade, através da Avenida ‘principal’ se desenvolve a partir de uma intensa ligação, tal ‘conurbação’ pode ser é percebida uma vez que existem inclusive divergências nas placas indicativas, uma placa de rua dá a localização do bairro dos Bancários, já na placa da rua seguinte têm-se a localização do bairro Jardim Cidade Universitária.

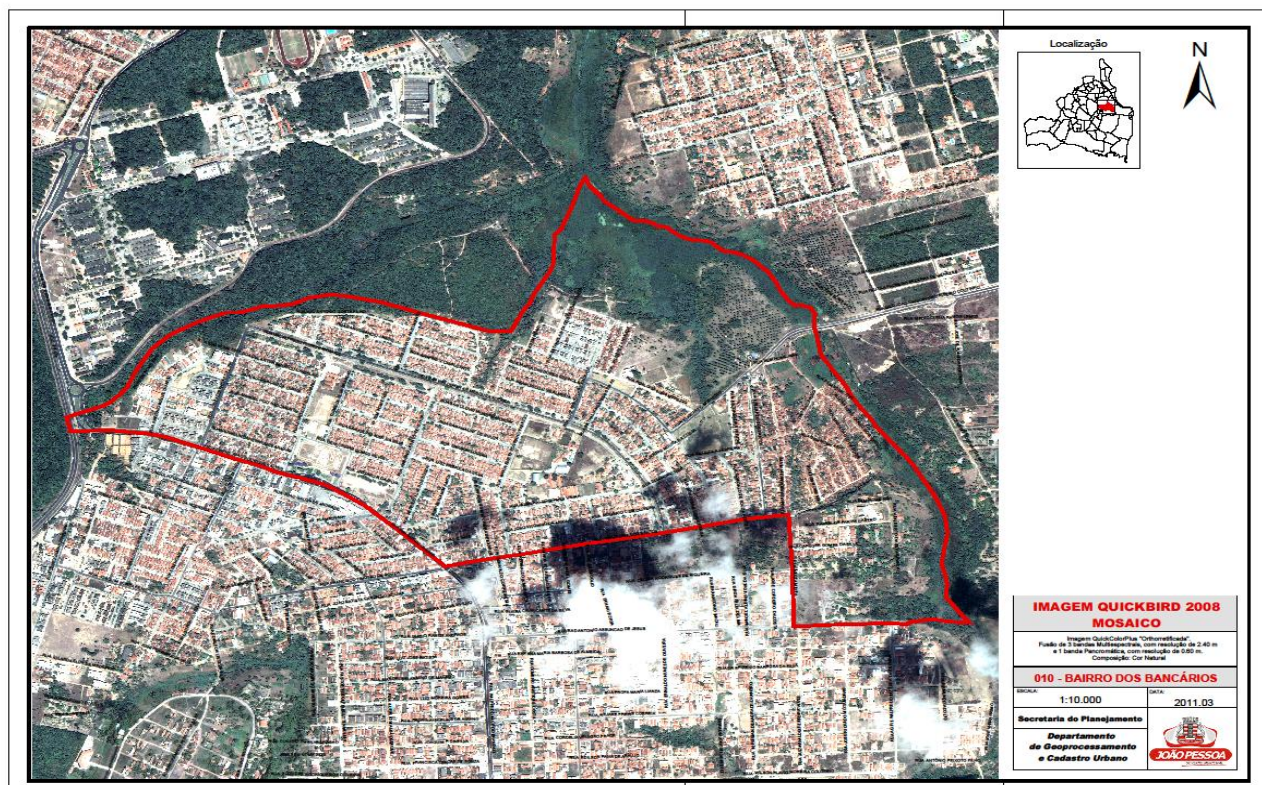
Ainda sob esta perspectiva, no que se refere ao espaço formalmente proposto e delimitado pela Prefeitura Municipal de João Pessoa, o trecho que corta o bairro dos Bancários estende-se apenas até a Avenida Bancário Sérgio Guerra. No entanto, o espaço vivido pela população traduz a extensão da avenida desde o Trevo das Mangabeiras, início da Rua Walfredo Macedo Brandão até a entrada do bairro dos

Bancários, nas proximidades do hipermercado *Carrefour*, na Rua Empresário João Rodrigues Alves.

Essa região passa a ser considerado mais importante, por convergir em si diversos comércios e serviços e apesar de não estar localizado no eixo turístico da cidade, (praias; centro histórico e outras atrações culturais), o bairro dos Bancários distingue-se de outras localidades nesta região da capital paraibana, e se configura de fato como uma centralidade.

Esta distinção com relação a outras localidades se dá, especialmente: (1) pela localização privilegiada principalmente por estar próximo às principais universidades da capital paraibana – UFPB (Universidade Federal da Paraíba) e UNIPÊ (Centro Universitário de João Pessoa). (2) Possuir inúmeros estabelecimentos comerciais, como o *Shopping Sul* e nos últimos anos, teve a implementação de grandes redes de hipermercados como a rede francesa *Carrefour* e um supermercado Extra pertencente ao Grupo Pão de Açúcar, além da construção de um *shopping center* próximo ao bairro (Mangabeira *Shopping*). E, por ser um (3) importante corredor viário da Zona Sul pessoense, ligando diversos bairros e conjuntos ao Centro da cidade, à orla e as principais instituições de ensino (Ver Foto 05).

Foto 5 - Fotografia Aérea do Bairro dos Bancários e Parte do Jardim São Paulo em 2008.



Fonte: PMJP (2012)

3.1. LOCALIZAÇÃO PRIVILEGIADA

Esta localização ‘privilegiada’ foi responsável por nos últimos anos, fazer com que houvesse um vertiginoso crescimento da especulação imobiliária nessa região. Esse desenvolvimento traz consigo um forte aumento nos preços dos imóveis localizados na avenida principal e na região do Bairro dos Bancários, como um todo, aumentando, por consequência, o custo de vida nesse lugar (Ver Foto 06).

Foto 6 - Vista Panorâmica de uma área residencial no Jardim Cidade Universitária.



Fonte: Emerson Almeida (2018)

No que tange ao aumento nos preços, especialmente da terra urbana, impulsionados por certa especulação imobiliária sobre a região e os agentes produtores desse espaço “demonstram seu interesse na expansão do espaço da cidade, na medida já que os agentes produtores valorizam mais a terra urbana do que a rural” (BRUM, 2004, *apud* CAMPOS, 2009). Os promotores imobiliários “são os agentes que tendem a atuar na valorização diferencial de certas áreas da cidade, a partir da elevação do preço da terra de bairros de alto status” (BRUM, 2004, *apud* CAMPOS, 2009).

A população que compõe a região como um todo é formada por moradores antigos de uma classe média (média) e atualmente muitos estudantes universitários, vindos de fora da cidade e até fora do Estado. Segundo os dados do último Censo do IBGE (2010), o rendimento nominal (por setor censitário) da maioria da população da região dos Bancários gira em torno de R\$ 1 e R\$ 4.440, variando de muito baixo à médio.

Mais especificamente nos últimos anos é também composta por estudantes universitários, em virtude da proximidade das universidades. Principalmente por estar próximo às principais universidades da capital paraibana – UFPB (Universidade Federal da Paraíba) e UNIPÊ (Centro Universitário de João Pessoa). Além da proximidade física do *Campus* I da UFPB, esse aumento de estudantes universitários se deu também pelo aumento na oferta de cursos da universidade. Como coloca o *site* da instituição:

“A expansão do ensino superior contou com o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) para ampliar o acesso e a permanência na educação superior. A meta era dobrar o número de alunos nos cursos de graduação em dez anos, a partir de 2008, e permitir o ingresso de milhares de alunos a mais nos cursos de graduação, incluindo a UFPB”. (UFPB, 2015).

Esse espaço é produzido sob uma lógica mercantil, tudo é útil ao capital, inclusive os nomes dos bairros, como no nosso objeto de estudo. A publicidade é a linguagem da mercadoria, há, portanto, um fetiche mercadológico com o bairro dos Bancários e é comum vermos em panfletos, *outdoors* apelos relacionados ao “morar nos Bancários”; “invista nos Bancários” ou “morar próximo aos Bancários”. Esses apelos publicitários são usados por imobiliárias ou construtoras em bairros vizinhos de tal fato para comercializar imóveis sejam residenciais sejam comerciais.

A cidade absorve em seu tecido urbano essa modernização da urbanização contemporânea. E, o reflexo dessa lógica na produção do espaço nos Bancários está em uma determinada classe média emergente, oriunda da própria cidade de João Pessoa e de outras localidades elege a região do bairro dos Bancários. Além de especialmente conceber a sua avenida ‘principal’ como essencialmente importante, “por estar próximo a tudo”; “ter facilidade para sair e chegar do bairro”; “ser um bairro que tem tudo”, entre outras afirmações. São discursos comumente escutados em conversas com os moradores.

3.1.1. Um nicho de segregação socioespacial: A comunidade do Timbó

Dentro do contexto da urbanização contemporânea de João Pessoa, e da região dos Bancários, é de suma importância, colocar o espaço da comunidade do Timbó. A constituição de uma favela como esta se dá principalmente por causa de uma urbanização ‘administrada’ pelos mais diversos interesses do capital. Os mais distintos usos da cidade nos revelam como os lugares são produzidos de acordo com motivações também diferentes, sob a égide do capital.

A intensificação da produção do espaço em determinados lugares, constituindo “localizações privilegiadas” na cidade, revelam os conteúdos das

estratégias hegemônicas em sua materialização espacial. Assim, produzindo as raridades no espaço e ao mesmo tempo espaços como este, segregados, precários, por vezes, em terrenos desfavoráveis, com acesso a serviços básicos de maneira restrita, etc.

Para reforçar esta reflexão Sogame (2001) aponta que a atual estruturação da cidade, a sua configuração territorial, a distribuição das classes pelo território, as hierarquias intra-urbanas e intra-regionais etc. têm relação direta com as próprias bases materiais do modo de produção hegemônico, a sua evolução (produção e reprodução), os processos de acumulação do capital e suas crises.

O capital por envolver em si diversos interesses, especialmente inclinações dos agentes hegemônicos acabam produzindo, gerando espaços como o da comunidade do Timbó. Este lugar, assim como outros em João Pessoa e no Brasil inteiro é um local ocupado irregularmente por falta de políticas públicas (ao menos na época da criação) de assistência à moradia a população carente ou menos favorecida.

Nessa perspectiva, da influência do Estado na produção de espaço como estes, coloca Marcelo Lopes de Souza:

A segregação residencial é um fenômeno urbano, e da grande cidade muito mais que das cidades pequenas. [...] é um resultado de vários fatores, os quais, em si, são altamente problemáticos: da pobreza (...) ao papel do Estado na criação de disparidades espaciais em matéria de infra-estrutura e no favorecimento dos moradores de elite (principalmente em um país como o Brasil). (SOUZA, 2003, p. 83 e 84)

Dentro dessa perspectiva segregadora, “fica evidente, na paisagem, na diferenciação dos bairros, nos gestos corporais, nos olhares, no silêncio, na expressão e nos traços dos rostos das pessoas, nos ‘mundos’ das pessoas a contradição entre a produção coletiva do espaço e sua apropriação privada, fundada na condição capital-trabalho” (CARLOS, 1987, p. 82).

Sogame (2001) apoia-se em Castells (1983) para colocar-se sobre a segregação urbana (socioespacial):

Para Castells (1983), a estrutura do espaço residencial e da segregação urbana sofre a ação hierarquizada das estruturas da sociedade capitalista, segundo o esquema triplo Economia, Política e Ideologia (EPI). No nível econômico, a segregação obedeceria à lógica da distribuição do produto entre os indivíduos e à distribuição específica

desse produto que é a moradia; além disso, não somente as diferenças de localidades interferem na segregação urbana, mas também a capacidade de deslocamento e acesso em relação a pontos estratégicos da rede urbana. No nível político-institucional, o poder local tenderia a reforçar a segregação urbana na medida em que as políticas públicas serviriam para atender aos interesses da fração dominante de cada unidade administrativa. No nível ideológico, a relativa autonomia dos símbolos ideológicos produziria interferências nas leis econômicas de distribuição dos indivíduos entre tipos de moradia e de espaço ocupado, assim como a situação social de determinadas comunidades e sua implantação espacial poderiam reforçar tendências à autonomização ideológica, isto é, à constituição, em certos grupos, de subculturas ecologicamente delimitadas.

Essa favela está situada no bairro dos Bancários, em sua porção leste, tem esse nome derivado do rio que a corta, o rio Timbó, um dos afluentes do rio Jaguaribe. “A favela do Timbó é produto de uma ocupação irregular e ocupa uma área de aproximadamente 16 hectares” (SANTOS, 2009, p.53).

De acordo com Sabino (2001), a favela do Timbó tem sua origem no final da década de 1970, quando chegaram trabalhadores da construção civil vindos do interior do Estado atraídos por uma oferta maior de empregos, trazendo consigo alguns costumes rurais como a criação de animais e plantação de alguns produtos (legumes, verduras e frutas). Alguns destes operários frequentavam as margens do rio Timbó em busca de capim, para extração de sedimentos, além de usar para pastoreio e cultivo.

Esses trabalhadores sem tanta condição financeira desde então ali se estabeleceram e formaram a comunidade do Timbó. Conforme Santos (2009), a prefeitura de João Pessoa, tentou impedir a ocupação da área, derrubando as casas que haviam sido erguidas e outras que estavam em fase de construção. Os moradores dessa localidade resistiram e permaneceram, o prefeito na época, Sr. Wilson Braga, autorizou então a instalação de serviços como: energia elétrica, água e saneamento básico, atendendo a reivindicações antigas dos moradores.

Entretanto, nos últimos anos houve uma política assistencialista no que diz respeito ao acesso a moradia e certa infraestrutura. Com a instalação de condomínios por intermédio do PSH - Programa de Subsídio a Habitação de Interesse Social, auxiliado financeiramente pela CEF – Caixa Econômica Federal e a chegada de recursos como calçamento, iluminação pública, entre outros.

3.2. SERVIÇOS E ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS

O capitalismo, instituído de modo mais efetivo entre os Séculos XVIII e XIX, tem por finalidade o lucro e não apenas atender as necessidades humanas, neste contexto acaba por criar uma nova racionalidade, a do quantitativo, fazendo com que haja uma afirmação dos costumes comerciais. A produção do espaço é fundamentalmente, a materialização da reprodução social. Essa racionalidade material/comercial, por sua vez, se produz e se reproduz na cidade, no espaço urbano.

Posto isso, deve ser apresentado também que o comércio é de suma importância para a dinamização da cidade, e como foi visto no ponto anterior, por ter uma localização ‘privilegiada’, a região dos Bancários se configura como sendo uma centralidade na cidade. Apesar de anteriormente o comércio nos Bancários não fosse tão vasto, atendendo as demandas do próprio bairro e por vezes, tendo que recorrer ao bairro de Mangabeira, modernizou-se, graças a incentivos estatais e investimentos de alguns grupos empresariais.

No bojo deste ‘posicionamento geográfico favorável’ está imbricada a localização de vários estabelecimentos comerciais e de serviços que se espalham pela região dos Bancários, configurando-a como uma sub-centralidade. Uma vez que o Centro (eixo central) não perde sua centralidade, mesmo com a dinâmica comercial atual da cidade.

Nessa perspectiva é válido realçar que os grupos empresariais e comerciais em suas estratégias locacionais buscam atualmente não apenas os famosos fatores locacionais como: mão-de-obra barata, facilidade de locomoção, etc. Mas principalmente primam por estarem no espaço do fluxo do consumidor, isto é, estar onde o consumidor está. E, por ser de forma mais ampla, um bairro (uma região) de ligação de alguns bairros para o Centro e vice-versa, a região dos Bancários se coloca nessa lógica.

Do ponto de vista comercial, se revela o quão eclética é a região, isto é, existem estabelecimentos de todos os níveis, de pequeno, de médio e de grande porte, inclusive com investimentos de capital internacional. Como é possível perceber na Foto

07, uma agência da Caixa Econômica Federal e uma unidade da rede de restaurantes *Habib's*, ambos são vistos de um *shopping*, o *Shopping Sul*.

Este último, que muito embora não tenha o padrão atual dos grandes estabelecimentos desse porte, por ter sido inaugurado entre 1994 e 1995 e não ter passado por nenhuma grande reforma, constitui-se como um componente importante dentro da rede comercial da Zona Sul. Englobando em si, algumas lojas de nível nacional como a rede “O Boticário”, agora fechado, mas durante muito tempo um banco, Banco do Brasil, uma Loteria Caixa, da Caixa Econômica Federal e outras lojas e restaurantes de nível local, estadual e/ou interestadual. Além de, durante muito tempo, sustentar o título de “primeiro *shopping* da Zona Sul pessoense”.

Foto 7 - Avenida Sérgio Guerra vista do *Shopping Sul*, ao fundo uma agência da Caixa Econômica Federal e uma unidade do restaurante *Habib's*.



Fonte: Matheus Oliveira, 2017.

Ainda nesse sentido, para exemplificar o fato de haver uma grande variedade de comércios e serviços na região, pode ser citada a instalação da rede francesa de hipermercados *Carrefour* (ver Quadro 2), que se fixou no início da avenida, substituindo uma academia de tênis, há cerca de seis anos. Sobre este fato inclusive é interessante observarmos o depoimento de moradora da avenida.

Depois da chegada do *Carrefour* aqui, tudo mudou, passou um tempo tendo diárias quedas de energia e as ruas que ficam ao redor do meu prédio passaram a ser mão única, as paradas de ônibus mudaram também, além disso, a violência aumentou também, faltam políticas públicas direcionadas a este problema.

Moradora da Avenida.

Quadro 2 – Lista dos Principais Serviços Ofertados na ‘Principal’ dos Bancários

| Tipo de Serviço | Tamanho (Porte)/Status | Nome do Estabelecimento |
|---------------------------|-------------------------------|---|
| Mercantil | Grande/Privada | Loja da rede francesa de hipermercados <i>Carrefour</i> ; |
| Bancária (Administrativa) | Médio/Público | Agência da Caixa Econômica Federal |
| Bancária (Administrativa) | Médio/Público-Privado | Agência do Banco do Brasil |
| Bancária (Administrativa) | Médio/Privado-Público | Agência do Banco Bradesco |
| Mercantil | Grande/Privada | Loja de uma rede de supermercados local, Bemais; |
| Lazer | Pequeno/Privado | Unidade da rede de restaurantes Habib's |
| Serviço Geral | Pequeno/Privado | Unidade da rede de combustíveis Ale |
| Lazer | Médio/Privado-Público | <i>Shopping Sul</i> |
| Serviço Geral | Pequeno/Privado | Unidade da rede de drogarias Pague Menos |
| Serviço de Saúde | Pequeno/Público | Equilíbrio do Ser |
| Serviço Geral | Médio/Privado | Unidade da Autoescola Rainha da Paz |
| Serviço de Saúde | Médio/Privado | Núcleo de Saúde da Rede Unimed |

Elab.: Matheus Oliveira (2018).

Ainda ao que se refere ao Quadro 2, foram listados apenas alguns dos vários estabelecimentos comerciais existentes na região dos Bancários, estes, foram escolhidos de acordo com sua relevância local, nacional e até mesmo internacional e de acordo com sua estrutura física representada no espaço.

Existem ainda outros estabelecimentos e serviços que estão situados ao longo da avenida principal do bairro (região) e no seu entorno, entretanto, devem ser ressaltados dois novos serviços que em breve se colocarão a disposição da população do bairro e da região como um todo. Um novo serviço de saúde pública, uma UPA – Unidade de Pronto Atendimento, em frente ao *Shopping Sul* e o *Delta Center*, um edifício empresarial de alto gabarito, na entrada da avenida, em frente ao *Carrefour*.

Imóveis, com esta intenção (empresarial), são cada vez mais comuns na paisagem da região dos Bancários, não necessariamente seguem este padrão com alto gabarito. No entanto, a facilidade no acesso e as múltiplas funções que podem ser exercidas nesses locais impulsionam a ‘multiplicação’ deles dentro da região. Nestes prédios, funcionam, por exemplo, cursos pré-vestibulares; clínicas especializadas; serviços especializados, etc.

É importante destacarmos um elemento que não necessariamente representa um serviço ou um estabelecimento comercial, mas que é praticamente símbolo da urbanização moderna dos Bancários, a Praça da Paz. Inaugurada em Junho de 2006, na gestão do então prefeito Ricardo Coutinho, quando são inauguradas e reformadas diversas praças e espaços públicos de lazer em João Pessoa. Este equipamento público é diariamente utilizado pelos moradores.

A praça está no ‘coração’ dos Bancários (Ver Foto 8), na avenida ‘principal’ e é muito usada por possuir algumas máquinas de ginástica, por ser bastante arborizado, dotado de pista de *cooper*; anfiteatro; alguns quiosques; uma biblioteca sob responsabilidade do SESI – Serviço Social da Indústria e no seu entorno também são visto alguns comércios e alguns edifícios residenciais.

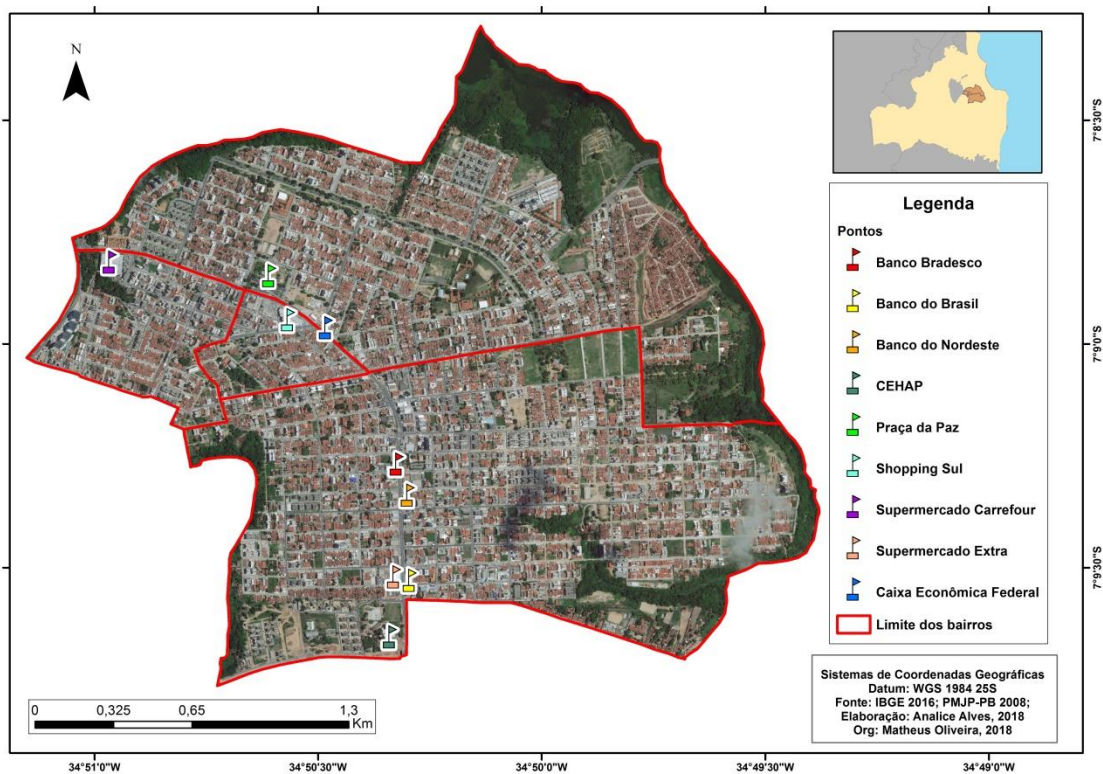
Nesse sentido, como já fora dito anteriormente, o Bairro dos Bancários influencia e se ‘conurba’ com os bairros do Jardim Cidade Universitária e do Anatólia e nesse trecho, também possui inúmeros serviços e comércios de grande relevância, bem como comércios locais menores. Muito embora seja possível ver no Mapa 3, ainda a grande distribuição residencial do bairro, atualmente com uma característica específica que é a da verticalização, mesmo que não seja tão intensa quanto nos bairros próximos à orla. Enfocando-se apenas a avenida principal da região, essa possui também comércios de nível nacional tais como: uma unidade do Banco do Brasil; uma unidade recém-criada do Banco Bradesco; uma unidade da rede de restaurantes *Bob’s*.

Foto 8 - Praça da Paz vista do *Shopping Sul*, ao fundo, edifícios residenciais.



Fonte: Matheus Oliveira (2018)

Mapa 3 - Mapa de Uso e Ocupação do Solo da Região dos Bancários



Elab.: Analice Alves (2018). Org.: Matheus Oliveira (2018). Fonte: IBGE (2016); *GoogleEarth* (2018); PMJP (2008)

Outros serviços que se destacam na região são uma unidade da rede de escolas do Grupo SEB (Colégio Geo Sul); uma unidade da rede de farmácias Drogasil, uma unidade da rede de farmácias Extrafarma; uma unidade da rede de farmácias Globo e duas unidades da rede de farmácias Independente. Destacam-se ainda uma unidade da escola de línguas estrangeiras Yázigi e um núcleo de saúde da Unimed, além da rede estadunidense de restaurantes *Subway* e talvez a principal desses estabelecimentos comerciais, um supermercado Extra (ver Foto 09), do grupo Pão de Açúcar.

Foto 9 - Supermercado Extra mesmo sendo no Jardim Cidade Universitária se diz estar na 'principal' dos Bancários.



Fonte: Disponível em: <<https://diariopb.com.br/bandidos-invadem-supermercado-extra-nos-bancario-e-provocam-arrastao/>> . Acesso em 10/06/2017.

Ainda no que se refere ao comércio e aos serviços dessa região, chamamos a atenção para certa especialização desses objetos. Isso significa dizer que mesmo estando ao lado do Bairro de Mangabeira, o maior em termos populacionais, cujo comércio é intensamente forte, este, tem uma conotação popular, isto é, dedica-se em geral a um público de menores condições financeiras.

Já na região analisada, especialmente em sua avenida 'principal' conseguimos observar comércios e serviços que são voltados a uma classe social mais elevada, com clínicas especializadas, hipermercados de redes nacionais e internacionais, *shoppings centers*, edifícios empresariais, entre outros. Percebemos aqui uma gênese de um processo de instrumentalização do espaço, isto é, uma funcionalização desse local, ainda que de maneira tímida, a população em um sentido mais amplo vê uma transformação qualitativa desse espaço.

3.2.1. Uso da terminologia ‘Principal’

A produção do espaço em João Pessoa envolve em si características próprias, como por exemplo, uso do termo ‘principal’. É interessante destacar e convir que essa terminologia ‘principal’ é muito utilizada pela população (especialmente, pela população pessoense) para caracterizar ruas e/ou avenidas importantes, que surgem como novas centralidades no espaço urbano (em especial em João Pessoa).

Isso acontece pelo fato dessas ruas e/ou avenidas concentrarem em si o maior fluxo de pessoas, carros, dos transportes públicos, mercadorias. Ou seja, a “maioria” dos serviços, dos estabelecimentos comerciais e dos recursos existentes em determinado lugar, principalmente dentro dos bairros ou nos conjuntos habitacionais menores, isto é, o ritmo e o movimento da produção do espaço nessas artérias é visivelmente mais intensa do que em outras ruas. As avenidas ditas principais, possivelmente foram as primeiras a serem construídas em determinados bairros, sendo ‘abertas’ e ligando o bairro à cidade.

Ainda no que tange ao fluxo de pessoas transitando nas avenidas principais neste caso aqui estudado, na ‘principal’ dos Bancários, algo que percebemos durante o processo da pesquisa foi o fato de não ter muitas pessoas caminhando nas ruas dentro dos bairros da região. Isto pode levado em consideração, se concebermos dois fatores (por nós elencados), o primeiro é o aumento da violência do bairro, discurso recorrente nas falas dos moradores e em segundo, atrelado ao primeiro o fato das pessoas preferirem andarem de carro, esvaziando as ruas internas da região.

Estas avenidas além de exercerem essa centralidade no âmbito dos recursos e serviços, também são importantes vias de ligação para outras ruas de determinado bairro ou ainda para outras localidades importantes da cidade como um todo. Isto significa dizer que todos ou quase todos os bairros ou até conjuntos habitacionais menores em João Pessoa possuem uma avenida (rua) ‘principal’ arraigada em suas ruas, dentre todas, há uma que se difere pelos fatores citados anteriormente e se configura como sendo a ‘principal’ daquele lugar.

Entretanto, outra característica importante a ser destacada é a de que as avenidas ou ruas ‘principais’, muito embora se configurem como sendo novas

centralidades no espaço, estas, existem apenas nos bairros distantes do Centro e da orla marítima, as avenidas centrais da cidade são conhecidas por seus respectivos nomes: Avenida Duque de Caxias, Avenida Dom Pedro I, ambas no Centro e Avenida Esperança e Avenida Edson Ramalho, no bairro de Manaíra, exemplificam tal fato.

3.3. IMPORTANTE CORREDOR VIÁRIO

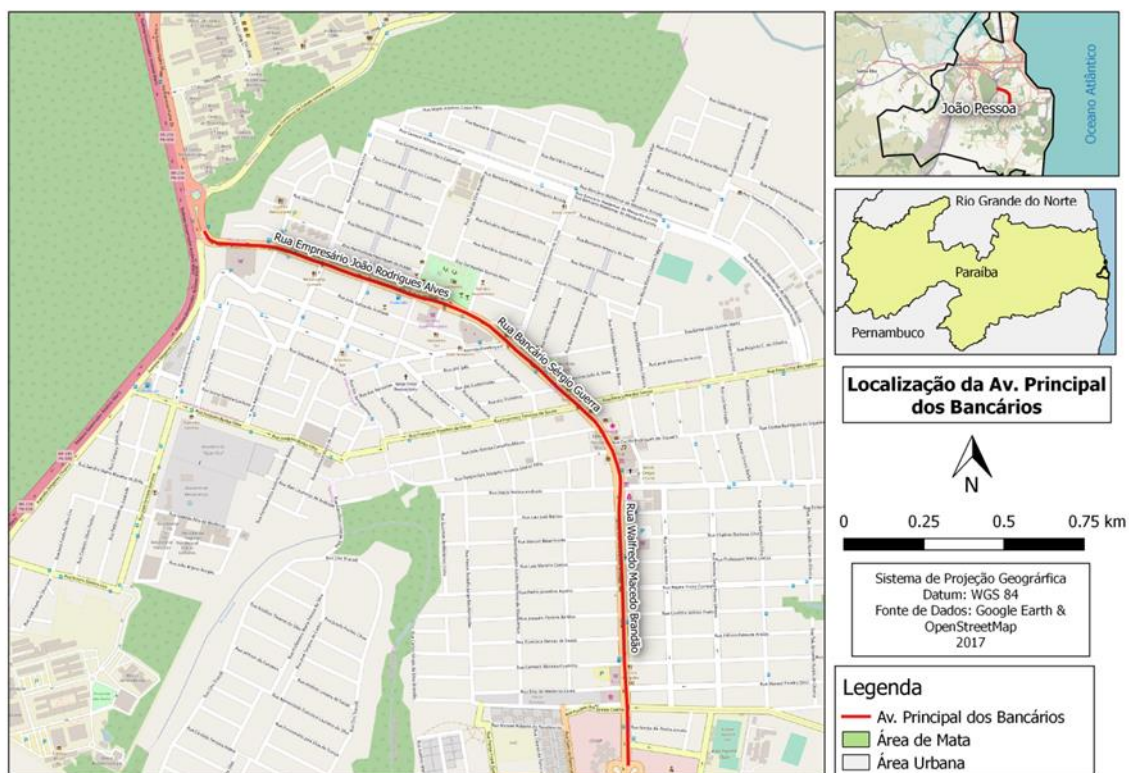
“A construção de pontes, a abertura de caminhos, a regularização de propriedades, o deslocamento para o trabalho urbano fosse, nas fábricas ou no comércio correspondem a momentos e níveis da integração do bairro à cidade” (SEABRA, 2009, p. 412). “O capital, essencialmente circulante, necessita, portanto, para se reproduzir de estruturas físicas que lhe garantam a fluidez espacial, como sistemas de transportes e de comunicação eficientes, assim como de infraestruturas gerais” (PADUA, 2007, p. 37).

“A ideia das grandes vias de circulação como espaços produtivos, apresentando-se ao mesmo tempo como condutos e estratégias de conjunto da territorialização dessa economia urbana” (DAMIANI, 2009, p. 332). Nesse contexto é possível perceber o território sendo economizado, isto é, o espaço sendo utilizado como força produtiva do capital.

Conforme foi colocado nos pontos anteriores, a região dos Bancários por ter uma boa localização na cidade e abarcar em si diversos comércios e serviços, sendo alguns deles, especializados e se configurar como uma centralidade. Esta região também se constitui como sendo um grande e importante corredor de acesso ao núcleo urbano central de João Pessoa.

Esse fato se dá uma vez que entre a Rua Empresário João Rodrigues Alves e a Avenida Sérgio Guerra e a Rua Walfredo Macedo Brandão, artérias que compõem a chamada avenida “Principal” dos Bancários (ver Mapa 04), circulam diariamente inúmeros veículos de pequeno e médio porte, bem como dezenas de linhas de ônibus de bairros ou conjuntos próximos.

Mapa 4 - Mapa de Localização da Avenida ‘Principal’ dos Bancários.



Elab.: Thiago Farias; Matheus Oliveira (2017). Fonte: *Google Earth e OpenStreetMap* (2017).

Refletindo sobre esses inúmeros veículos, sobretudo o transporte público, cabe a ressalva de que nessa região a principal modalidade de transporte público é o ônibus, que rodam na cidade através de uma concessão pública. Interligam principalmente através da Avenida ‘principal’ dos Bancários boa parte da população da Zona Sul, em especial da região dos Bancários à região central da cidade, à orla marítima e as principais avenidas da cidade, como pode ser observado no Quadro 3.

Quadro 3 - Linhas de Ônibus que Trafegam pela Região dos Bancários

| Bairro de Origem | Linhas | Destino (Trajeto) |
|---|--|---|
| Mangabeira | 301, 302, 303. | Avenida Dom Pedro II/ Centro/ TI-Varadouro |
| Mangabeira/Cidade Verde | 2509, 2514, 2515, 5206, 5209, 5210, 5600, 5603, 3203, 2303. | Avenida Epitácio Pessoa/Cristo Redentor/Centro/Manaíra <i>Shopping/Praia</i> |
| Cristo/Anatólia/Água Fria | 201, I006. | Cristo Redentor/Água Fria/UNIPÊ/ <i>Shopping Sul</i> |
| Valentina/Ernesto Geisel/Grotão/Cristo (Linhas Circulares) | 2300, 3200, 5100, 1500. | Avenida Dom Pedro II/Jaguaribe/Centro; Manaíra <i>Shopping</i> /Avenida Rui Carneiro/Avenida Cruz das Armas |
| Valentina/Ernesto Geisel/Colinas do Sul/ Ernani Sátiro/Esplanada | 502, 1510, 1519, 5120, 2501, 5201 | Avenida Epitácio Pessoa/ Centro/TI-Varadouro |

Elab.: Matheus Oliveira (2017). Fonte: PMJP (2012).

O interessante é que dentre todas essas linhas, as que atendem o bairro dos Bancários e sua região como um todo (propriamente dito), são apenas duas, são elas: 3510 (Bancários/Pedro II/Epitácio) e 5310 (Bancários/Epitácio/Pedro II). Estas linhas são responsáveis por atender áreas adjacentes do bairro e bairros vizinhos, tais como o Jardim Cidade Universitária; Jardim São Paulo e o Conjunto Anatólia. As demais linhas citadas de uma forma indireta também atendem a região, mas não o fazem única e exclusivamente.

Este corredor também é nos horários de pico um complicado gargalo da cidade e intensos e grandes congestionamentos e é também palco de inúmeros transtornos especialmente em dias chuvosos quando frequentes alagamentos são percebidos, observa-se tal fato na Foto 10 e em um depoimento relatado por uma moradora:

Eu moro aqui desde que nasci em 1996, nos últimos percebi muitas mudanças, o trânsito aumentou consideravelmente, inclusive os sentidos de mão e contramão depois do *Carrefour*. O trânsito principalmente de manhã é caótico. Poderiam voltar com a ideia que tinha antes do *Carrefour* e criar um sinal para o pessoal que vem das '3 ruas' para a principal, facilitaria o trânsito nos horários de pico.

Moradora da avenida principal.

Foto 10 - Congestionamento de veículos na avenida 'principal' dos Bancários

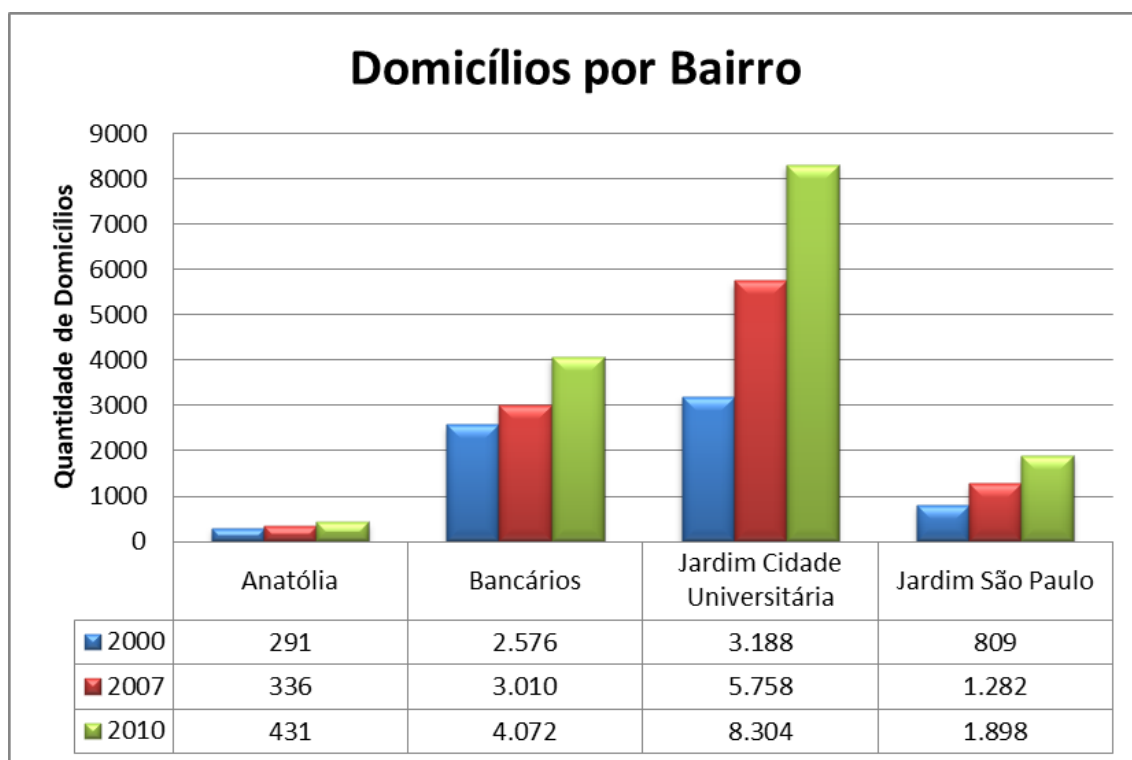


Fonte: Matheus Oliveira (2017).

4. ALGUNS RESULTADOS E DISCUSSÕES

Destacamos ainda nessa parte do texto alguns resultados do que se refere a produção do espaço na região conhecida popularmente por Bancários. De acordo com os dados do IBGE, correspondentes aos Censos dos anos de 2000; 2007 e 2010. Em princípio colocamos informações referentes aos domicílios nos quatro bairros que compõem a região dos Bancários (Ver Gráfico 1).

Gráfico 1 - Domicílios por Bairro que Compõem a Região dos Bancários



Elab.: Maressa Lopes Araújo (2018). Org.: Matheus Oliveira (2018). Fonte IBGE (2000; 2007; 2010).

A partir do Gráfico 1 é possível observar um crescimento no número de domicílios dos quatro bairros, isto é, ao passo que o processo de produção da cidade a ‘encaminha’ pra Zona Sul e nesse interim gerando um aumento populacional. Há também um direcionamento para a região dos Bancários, com destaque para o Jardim Cidade Universitária e para o Jardim São Paulo, que tiveram um aumento de 2547 e 620 domicílios, respectivamente, entre os anos de 2007 e 2010. Há nesse momento e durante o movimento de aumento de domicílios, um processo de verticalização do bairro.

Entretanto, não existem no início grandes edifícios residenciais, mas destacam-se os prédios de 3 à 4 andares.

No último censo⁹ realizado (2010), verificamos especificamente que a população da região dos Bancários gira em torno de 39 mil pessoas, como se vê no Quadro 4. Soma-se ainda a população que pendularmente faz uso dos comércios e serviços do bairro e especialmente da avenida principal fazem com que esse contingente populacional aumente ainda mais.

Quadro 4 – Comparação Populacional com Base nos Últimos Censos Demográficos Feitos pelo IBGE

| Bairros | Pop. Em 2000 | Pop. Em 2007 | Pop. Em 2010 |
|--|---------------------|---------------------|---------------------|
| Anatólia | 1.126 | 1.224 | 1.162 |
| Bancários | 10.330 | 10.891 | 11.863 |
| Jardim Cidade Universitária | 11.058 | 18.362 | 21.425 |
| Jd. São Paulo | 2.534 | 3.969 | 4.550 |
| “Região dos Bancários” | 25.048 | 34.446 | 39.000 |

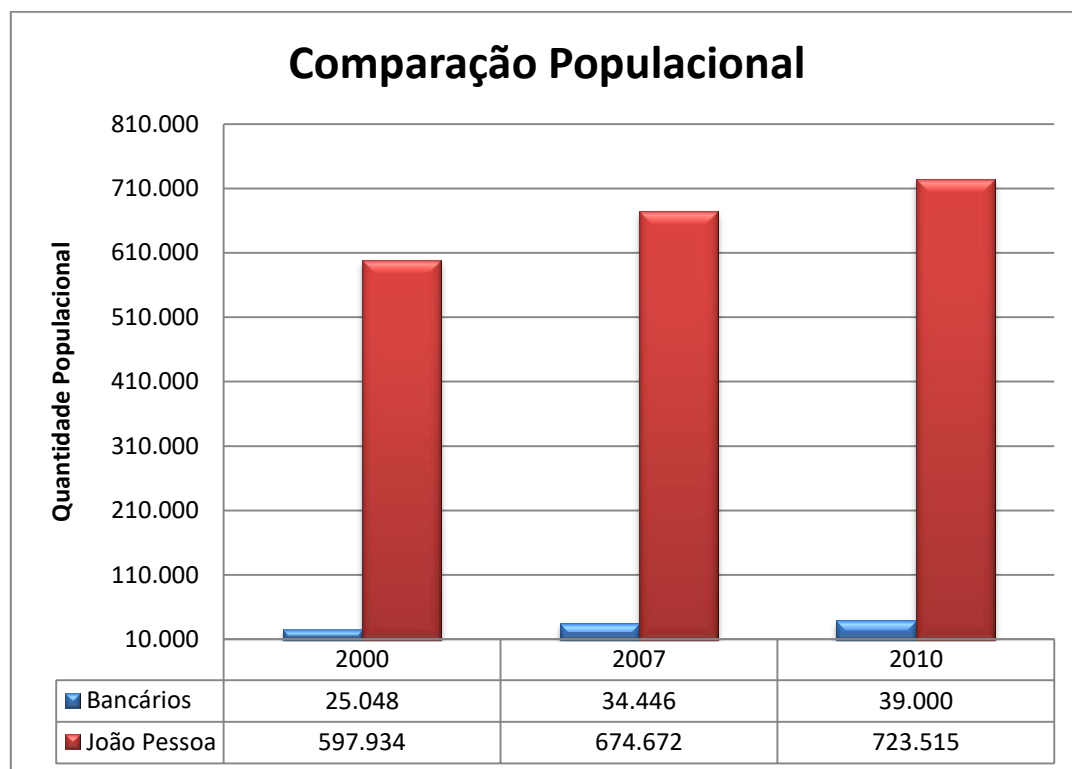
Fonte: IBGE (2000; 2007; 2010). Elab.: Matheus Oliveira, 2018.

Entretanto, durante esses últimos 7 anos (considerando apenas até 2017), houve um intenso aumento populacional na cidade e também na região, que, infelizmente não foi registrado oficialmente, uma vez que não houve outra contagem populacional durante esses anos. Tomando como base que a população total de João Pessoa era de 723.515 habitantes em 2010 e que em 2017 foi estimada em 811.798, teve um aumento de mais de 10%. Fizemos, portanto, um gráfico comparativo, entre a população da região dos Bancários e a população de João Pessoa-PB, considerando apenas os dados

⁹ Campos (2009) coloca que o Censo 2000 mostrava a região dos Bancários com pouco mais de 25 mil habitantes, enquanto a região sul-sudeste (atual Zona Sul e parte da Zona Leste) de João Pessoa abrigava pouco mais 142 mil. Estes números quando comparados ao Censo realizado em 2007, verifica-se que a população dessa região e do seu entorno subiu respectivamente para, 34,5 mil e 171,7 mil habitantes, o que equivale a um crescimento de quase 40%.

oficiais, ou seja, dados das contagens populacionais dos anos 2000, 2007 e 2010, como se vê no Gráfico 02.

Gráfico 2 - Comparação Populacional entre a Região dos Bancários e de João Pessoa-PB



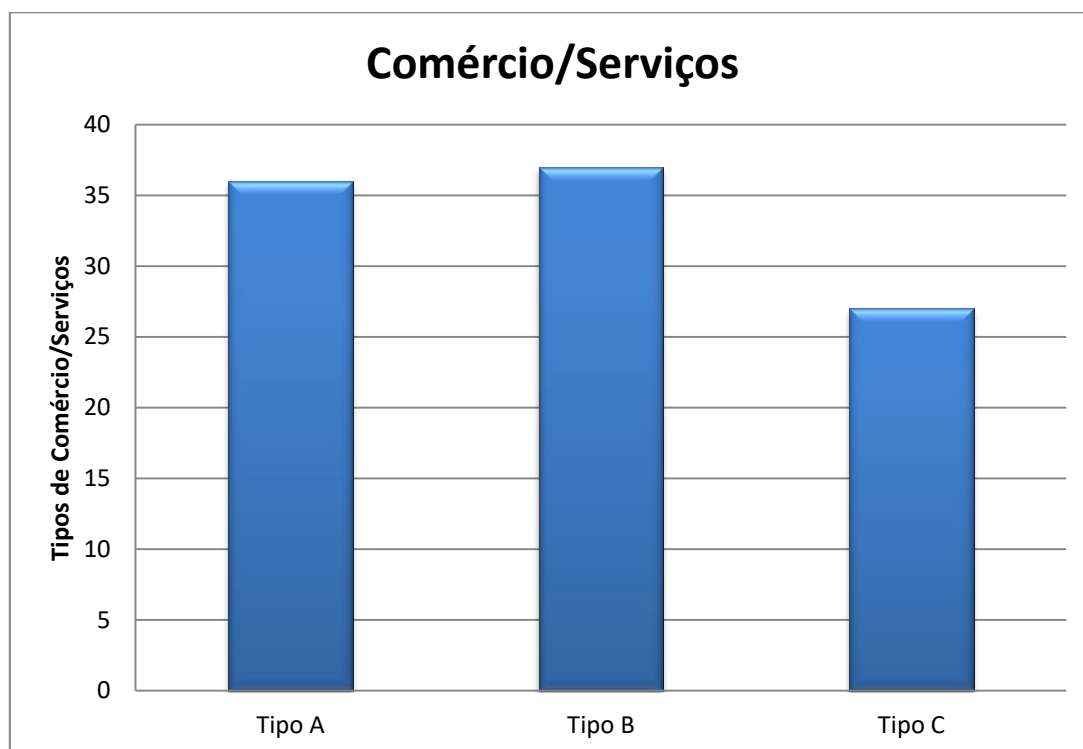
Elab.: Maressa Lopes Araújo (2018). Org.: Matheus Oliveira (2018). Fonte: IBGE (2000; 2007; 2010).

Dando prosseguimento na análise sobre a produção do espaço na região dos Bancários, propomos então verificar a distribuição dos estabelecimentos comerciais e dos serviços espalhados pela região. Resolvemos, portanto, criar uma tipologia desses lugares, consideramos aqui, a distribuição escalar das lojas maiores (pertencentes a grandes redes comerciais). Mas, levando em consideração também, comércios menores e serviços, visto que, anteriormente alguns dos principais estabelecimentos já foram listados e mapeados, foi elaborado então o Gráfico 03.

Foram 100 lugares notados, entre lojas, casas comerciais, serviços públicos, serviços privados, equipamentos de lazer, públicos e privados, bares, restaurantes, entre outros. O critério utilizado foi a visibilidade ante ao público, isto é, o que a população

em geral mais ‘conhece’ ou que ‘ouve mais falar’ ou ainda que mais faz uso, visita mais diariamente. (Ver Gráfico 03).

Gráfico 3 - Tipologia dos Comércios e Serviços Disponibilizados na Região dos Bancários



Elab.: Maressa Lopes Araújo (2018). Org.: Matheus Oliveira (2018). Fonte IBGE (2000; 2007; 2010).

- 1) Inicialmente, intitulamos por “Tipo A”, comércios ou serviços de nível interestadual, nacional ou até internacional que existe na região. Ex.: Armazém Paraíba – Interestadual; Núcleo de Saúde da Unimed – Nacional; Carrefour – Internacional. Casas comerciais desse nível foram encontrados 36, em um universo de 100. (grifo nosso);

- 2) Posteriormente, intitulamos por “Tipo B”, comércios ou serviços de nível estadual ou local, mas com outras unidades pela cidade (escala municipal) existentes na região. Ex.: Redepharma – Estadual; Bemais Supermercados – Local (Municipal). Negócios (comerciais) desse nível foram encontrados 37, em um universo de 100. (grifo nosso);

- 3) Por fim, intitulamos de “Tipo C”, comércios ou serviços de nível local, isto é, encontrados apenas na região. Ex.: Restaurante Domani – Local; Loja Max *Sport*. Negócios (comerciais) desse nível foram encontrados 27, *em um universo de 100*. (grifo nosso).

No universo pesquisado, os estabelecimentos comerciais de “Tipo B”, que seriam comércios ou serviços de nível estadual ou local, mas com outras unidades pela cidade (escala municipal) existentes na região, foi maioria, representando 37%. Provavelmente, em um universo maior, os estabelecimentos de “Tipo C” seriam maioria, no entanto, seria necessária uma pesquisa de maior dimensão.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço é uno e múltiplo, é condição, meio (mediação) e produto da multiplicidade, produzido intensamente por interações sociais, políticas, ideológicas, jurídicas e culturais, relações essas que vão do local ao global e vice-versa. Nessa comunicação social estão contidas práticas essencialmente materiais, a produção e reprodução dessas práticas que visam a reprodução do capital são afirmadas no espaço, especialmente urbano, sendo este, lugar de constantes transformações.

“A cidade, através do trabalho humano, transforma-se constantemente e, como decorrência, modifica a vida do cidadão, seu cotidiano, suas perspectivas, desejos e necessidades, transforma as relações com o outro e suas relações com a cidade redefinindo as formas de apropriação e o modo de reprodução do espaço” (CARLOS, 1992, p. 91).

O modo de produção capitalista é injusto, contraditório e combinado, reverberando no espaço e na produção da cidade, está fixado basicamente na produção; distribuição; circulação e no consumo se autorregula através dos seus mecanismos. O espaço está então no centro da intermediação capitalista. A condição material/capitalista pôde ser observada de maneira clara na região dos Bancários, isto é, como se inserem os mais diversos agentes da produção do espaço neste lugar.

Destacamos aqui a participação do Estado como fomentador e dando garantias de infraestrutura, investimentos locais por parte de grupos estratégicos (transportes; serviços em geral), investimentos nacionais e estrangeiros. Com a meta explícita de utilizar o espaço como mercadoria para a circulação (troca, venda, etc.) de mercadorias, (re)produzindo o manual do modo de produção capitalista. Por parte dos moradores no momento em que os indagávamos sobre as modificações rápidas e até de certo modo bruscas, o que sentimos foi uma mescla de contentamento por parte da população em como o espaço é produzido nessa região.

Durante o desenvolvimento da pesquisa nas idas à campo, nas conversas com os moradores da região, nas muitas passagens pelo bairro e pela região conseguimos perceber o quão dinâmica e intensa é a tal produção do espaço. Vimos nesse período de tempo estabelecimentos se deslocar para outros lugares pela dinâmica do mercado

(preço/custo; capacidade de atrair a população, etc), pela demanda, antigas casas dando lugar a novos estabelecimentos e a novos edifícios. Estamos vendo praticamente uma transformação real na configuração da paisagem na região, observamos o “bairro subir” com prédios mais altos se proliferando dentro da região em locais anteriormente ‘esquecidos’ ou pouco explorados.

Algo que merece relevância, foram as conversas com os moradores da região, foram inúmeras, algumas destacadas no Capítulo 1. Fato é, que, as conversas se desenrolaram em um tom suave, no início com certa desconfiança, mas posteriormente por terem a natureza de serem abertas, as entrevistas por algum momento tomavam até outro rumo. Mas, as pessoas se surpreendiam quando diziam estar nos Bancários e estavam no Jardim Cidade Universitária, por exemplo. Foi comum, ouvirmos discursos do tipo: “Num é tudo Bancários, não? Eu pensava que era!”, como nos falou a Entrevistada I, professora, moradora do bairro há mais de 15 anos.

Em contraposição a maneira pela qual o espaço está sendo produzido na região dos Bancários, isto é, frente a esta transformação qualitativa do espaço, está a memória afetiva do lugar que se esvai ao passo que moradores mais antigos por vezes não se reconhecem mais naquele espaço. A Região dos Bancários torna-se apenas um lugar ‘bom para investir’; ‘bom para morar’; ‘perto de tudo’ e o movimento da vida nessa região e na Zona Sul de João Pessoa, toda, se reduz apenas a estar adaptada a racionalidade do mercado imobiliário, comercial e de serviços. À reboque disso estão à violência, o barulho, congestionamento de carros, elementos agora vistos na região do bairro dos Bancários.

O que vemos no espaço está diretamente relacionado a concepção que temos e que vemos sobre o espaço, o espaço é o todo, é inicialmente o que vimos na maneira que está dado. Fizemos neste trabalho uma pesquisa entre outras coisas ligada ao processo de urbanização da cidade de João Pessoa, enfocamos, no entanto a “Região do Bairro dos Bancários” que nos chama atenção pelos fatores acima citados. Fizemos isto em concordância com Padua (2007) uma vez que a noção de fragmento só tem sentido se pensada no conjunto de formação da metrópole como um todo, isto é, no processo de urbanização da cidade, em seu processo histórico de formação.

Concluimos, portanto, colocando que a Região dos Bancários, se insere dentro do contexto da urbanização de João Pessoa-PB, reproduzindo em seu espaço o fundamento básico do modo de produção capitalista, a reprodução do capital. Se colocando nesse contexto como uma sub-centralidade, isto é, centralidade esta que ainda está subordinada ao Centro da cidade e a centros comerciais e industriais maiores da cidade ou intermunicipal.

No entanto, esse crescimento aumenta no decorrer dos dias, vê-se isso na forte especulação imobiliária sob a qual a região se submete, nos altos prédios e também nos prédios menores, que ‘se levantam’ em novo padrão (em cerâmica, dimensões menores) que surgem na paisagem do bairro. Nos novos empreendimentos comerciais e de serviços que também passam a surgir com mais frequência na região dos Bancários.

Esperamos, então, que esta pesquisa sirva aos moradores dos bairros de composição da região e a outrem, como apoio, no sentido de realçar a visão dos leitores sobre o processo dinâmico da produção do espaço na região dos Bancários. Temos a certeza, que o melhor que podíamos foi feito, sabemos também que há muito a ser explorado. E, portanto, nos colocamos a disposição para trilhar esse caminho denso e intenso da construção de um conhecimento sobre nossa cidade, sobre o espaço e como este é produzido. Nesse interim, ‘aproveitando’ que vemos no espaço, como o sentimos e como o concretamente vivemos, além, claro de observar sua produção, suas nuances e suas mais diversas transformações.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, Lenilson Fabiano. **Bairro Jardim São Paulo: adensamento urbano e verticalização entre 1998 e 2009**. 100p. Monografia. Universidade Federal da Paraíba. Departamento de Geociências, João Pessoa, 2009.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (Re)produção do Espaço Urbano**. São Paulo, Editora Contexto, 1987.

_____. **A Cidade**. São Paulo, Editora Contexto, 1992.

_____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo. Editora Contexto, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. Editora Ática, Série Princípios, 3ª. Edição, São Paulo, 2004.

DAMIANI, Amélia Luisa. **Urbanização Crítica e Produção do Espaço**. In: Cidades, pp. 307-340 v.6. nº10, São Paulo, 2009.

FIORAVANTI, Livia M. **Desindustrialização e reestruturação do espaço na metrópole de São Paulo: o caso do Jaguaré**. In: XII Encuentro de Geógrafos da América Latina - Caminando en una América Latina en transformación, 2009, Montevideo. p. 1-14.

IBGE. **Censo Demográfico Brasileiro**. Brasília, 2000. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 18/05/2018.

IBGE. **Censo Demográfico Brasileiro**. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/>> Acesso em: 10/06/2017.

IBGE. **Contagem Populacional**. Brasília, 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.org.br/>> Acesso em: 19/05/2018.

JOÃO PESSOA. **Lei 8466/98**. Transformação dos conjuntos residenciais dos Bancários, Anatólia, Professores, Jardim São Paulo e Jardim Cidade Universitária para bairros dos Bancários. João Pessoa, 1998.

JOÃO PESSOA. **Lei 1574/98**. Nomeação e delimitação dos 60 (sessenta) bairros do município de João Pessoa. João Pessoa, 1998.

JOÃO PESSOA. **Plano Diretor Municipal**. Prefeitura Municipal de João Pessoa, 2009.

LAVIERI, João R. & LAVIERI, Maria B. F. “Evolução Urbana de João Pessoa Pós-60” In: GONÇALVES, R. C.; SILVEIRA, R. M. G.; LAVIERI, J. R. & LAVIERI, M. B. F. (orgs.) **A Questão Urbana na Paraíba**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1999.

LEFÈBVRE, H. **O Direito à Cidade**. 145p, 4ª Edição, São Paulo. Editora Centauro, 2002.

_____. **Revolução Urbana**. 178p, Volume 39, Coleção Humanitas, Belo Horizonte. Editora UFMG, 1999.

MAIA, Doralice Sátyro. **Tempos lentos na cidade: permanências e transformações dos costumes rurais em João Pessoa/PB**. 2000. 363 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. **Desvendando o campo na cidade: Notas Metodológicas**. In: GeoTextos, vol. 6, n. 2, 35-57. Universidade Federal da Bahia, Salvador, Dezembro, 2010.

MARTINS, Paula Dieb. **Paisagem em Movimento: As Transformações na Avenida Presidente Epitácio Pessoa de 1980 a 2001**. 183p. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Paraíba. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, João Pessoa, 2014.

MARTINS, Paula Dieb.; MAIA, Doralice. Sátyro. **A Produção do Espaço e da Paisagem da Avenida Epitácio Pessoa, João Pessoa-PB**. Urbana Ciec Unicamp - Revista do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade, v. 7, p. 172-198, Campinas, 2015.

ORRICO, Keila C. **O Solo Urbano do Bairro Bancários. A Questão da Especialização da Ocupação**. 43p. Monografia. Universidade Federal da Paraíba. Departamento de Geociências, João Pessoa, 2004.

PADUA, Rafael Faleiros de. **Implicações sócioespaciais da desindustrialização e da reestruturação do espaço em um fragmento da metrópole de São Paulo**. 159p. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia, São Paulo, 2007.

RODRIGUES, Arlete Moysés A. A terra como mercadoria. In: _____ “**Moradia nas cidades brasileiras**”. São Paulo: Contexto, 1989; p. 16-27.

_____. **Produção e consumo do e no espaço: problemática ambiental urbana**. São Paulo, 1998, Hucitec.

RODRIGUEZ, Janete Lins.; DROULERS, Martine. **João Pessoa: Crescimento de uma Capital**. Fundação Casa de José Américo. Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, João Pessoa, 1981.

RIBEIRO, Miguel A. C. **O Papel de Nova Friburgo na Rede de Localidades Centrais Fluminense: Uma Análise Comparativa 1966-2007**. In: Geo UERJ, Rio de Janeiro, n. 29, pp. 452-472, 2016.

SANTOS, Eliane Campos dos. **Transformações na Favela do Timbó de 1980 à 2013**. 143p. Monografia. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**. Hucitec. São Paulo, 1988.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. **Pensando o Processo de Valorização e a Geografia**. In: Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, nº 66, pp. 97-104, Jan-Jun. 1988.

_____. **O Pensamento de Henri Lefebvre e a Geografia**. In: Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, nº74, pp.7-22, Jul-Dez. 1996.

_____. **Metropolização: A Reprodução do Urbano na Crise da Sociedade do Trabalho.** In: Cidades, pp. 415-433 v.6. nº10, São Paulo, 2009.

SOGAME, Maurício. **Rudimentos Para o Exame da Urbanização em Sua Fase Crítica: Uma Aproximação ao Conceito de Segregação Socioespacial.** Geografares, Vitória, nº 2, Jun. 2001.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Abc do desenvolvimento urbano.** Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

SILVA, Regina Celly Nogueira da. **As Singularidades do Bairro na Realização da Cidade: as transformações na paisagem urbana do bairro da Torre em João Pessoa – PB.** Dissertação (Mestrado), 143p. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

_____. **As Singularidades do Bairro na Realização da Cidade.** In. Geografares, Vitória, v. 1, nº 1, Jun. 2000.